

# CRISTÓVÃO COLOMBO

**CARTA DO ACHAMENTO DAS ANTILHAS**

**15 de Fevereiro – 14 de Março de 1493**



**BIOGRAFIA, TRADUÇÃO E NOTAS**  
de  
**MANUEL VIEGAS GUERREIRO**

Lisboa 1992

.G.

UE

# CRISTÓVÃO COLOMBO

CARTA DO ACHAMENTO DAS ANTILHAS

15 de Fevereiro — 14 de Março de 1493

*Biografia, tradução e notas*

de

MANUEL VIEGAS GUERREIRO

LISBOA

1992

COMENTÁRIOS DA VIDA DE CRISTÓVÃO COLÔMBUS

COMP. E IMP. DA  
TIPOGRAFIA ALCOBACENSE, LIMITADA  
ALCOBAÇA



Cópia de Luigi Monti do original de Ridolfo Ghirlandaio, séc. XV.  
Museu da Marinha, Lisboa.



# Introdução

## 1. ADVERTÊNCIA

Não se têm mostrado os historiadores portugueses dos nossos dias muito interessados em estudos de Colombo. Não conheço tradução portuguesa e estudo que lhe respeite da *Carta* do achamento das Antilhas, endereçada a Luís de Santángel, pela primeira vez impressa em começos de Abril de 1493. E dos diários de bordo de suas viagens só sei de uma tradução do da primeira, pelo Dr. Francisco Fernandes Lopes, publicada no jornal *República* de 3-VIII-1938 a 15-III-1939 com comentários de Gago Coutinho e de edição recente do mesmo pela Europa-América.

Estudioso de Etnografia mereceu-me particular atenção a *Carta* de Caminha, de que organizei a primeira edição popular com leitura paleográfica de Eduardo Nunes, saída dos prelos da Imprensa Nacional-Casa da Moeda em 1974, hoje esgotada.

De Caminha desci a Colombo para confronto de sua visão dos aborígenes das Antilhas com a de Caminha dos ameríndios do Brasil. A coincidência é flagrante e nas objectivas, formosas e ricas descrições etnográficas de ambos tem a Antropologia Cultural precioso apoio para suas teorias interpretativas e correcção de falsos, injustos, se não comprometidos juízos de valor a respeito de populações ditas primitivas.



Dada a importância universal do descobrimento, cujo meio milénio se aproxima e o muito que com ele têm que ver os Portugueses, com quem Colombo aprendeu a navegar no mar oceano, e, sobre isso, em período de comemoração dos nossos Descobrimientos, creio ser útil e oportuna a publicação da famosa *Carta* do grande navegador. Devo acrescentar que comigo estiveram a cuidada edição e notas de Carlos Sanz <sup>(1)</sup>.

## 2. UMA BIOGRAFIA

Grande dificuldade experimenta quem se mete a escrever sobre a vida de Colombo (1451-1506), tanta é a insegurança da informação disponível. E não serei eu, hóspede que não residente na área de História, que poderei trazer nova luz a matéria tão controversa. Logo obscuros os primeiros tempos de vida — uma metade dela — e nem o filho Fernando (1488-1539), que escreveu uma biografia de seu pai nos pode esclarecer. Oigamo-lo: «De los cuales (viagens no Mediterrâneo) y de otras muchas cosas de aquellos primeros días no tengo plena noticia, puesto que él murió cuando aún no tenía yo ni atrevimiento ni familiaridad bastantes, por el respeto filial, para osar preguntarle tales cosas...» <sup>(2)</sup>. Não era assim tão novo quando o pai faleceu, tinha já 18 anos.

Outra fonte biográfica imprescindível é o dominicano Frei Bartolomeu de las Casas (1484-1566), em cujas mãos andaram os papéis do navegador. E foram muitos — ele gostava de escrever. Las Casas, que privou com os filhos de Colombo, tão interessado estava na defesa dos direitos de sucessão destes, confluentes com seus desígnios proseliticos, que não podemos senão pôr alguma dúvida em sua imparcialidade. Menéndez Pidal julga-o talvez com excessiva severidade: «Todas las noticias que él nos dió... obedecen a una necesidad de simulación, y son falsas en gran parte...». «...era hombre arbitrario que afirmaba con vehemencia y sin escrúpulo quanto le convenía a sus propósitos...» <sup>(3)</sup>.

<sup>(2)</sup> *Vida del Almirante Don Cristóbal Colón*, México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1947, p. 37.

<sup>(3)</sup> *La Lengua de Cristóbal Colón*, Buenos Aires-México, Espasa-Calpe Argentina, 1947.

<sup>(1)</sup> *La Carta de Colón*, anunciando el Descubrimiento del Nuevo Mundo, 15 Febrero - 14 Marzo 1493, Madrid, Graficas Yagues, 1961.



Sem nada descontar à autoridade do famoso Mestre, terá ele tido suficientemente em conta a visão medieval que do mundo tinha Las Casas? E não se ponha em *medieval* mais sentido do que uma visão mística da realidade, princípios religiosos incontrovertidos, uma total confiança na sabedoria dos antigos, dos Gregos aos Santos Padres, que Deus até fazia falar por si, conferindo-lhes o dom de adivinhar o futuro. Deus tudo ordenando por intermédio de sua católica, universal Igreja. Seu universo era o da Fé. E o que para nosso espírito, sujeito a concepções modeladas pelas Ciências Históricas e Sociais, se nos afigura infundamentado, caía para o nosso domínio no âmbito do transcendente, da suprema vontade de Deus. Cada época sua filosofia e não nos fiemos demais em racionalismo científico, cuja luz nos não ilumina tanto que dê para explicar o grande mistério da vida.

Para se fazer ideia de como se processava o raciocínio de Las Casas, vejamos de que modo prova que Deus fizera anunciar a Séneca (4 a. C. — 65 d. C.) o descobrimento da América e escolhera Colombo como seu executor. Transcreve da tragédia de Séneca, *A Vingança de Medeia*, 2.º coro, os seguintes versos:

Venient annis saecula seris,  
quibus Oceanus vincula rerum  
laxet ingens pateat tellus,  
Tiphisque (4) novos detegat orbes  
nec sit terrarum ultima Thile (5).

Virão séculos em anos muito distantes, nos quais o Oceano solte as prisões das coisas e ponha à vista uma terra imensa e Tifis descubra novos orbes e nem Tile seja a última das terras.

A um «...parece haber querido, nuestro Señor...» junta adiante, sem restrições: «Que mais claro pudo decir el descubrimiento Seneca destas Indias?», concluindo que foi Colombo que Deus elegeu, por sua singular ciência da navegação, para tão assombrosa empresa (6).

(4) O inventor da primeira embarcação.

(5) Ilha, no oceano, do lado da Noruega.

(6) *Historia de las Indias*, Biblioteca de Autores Españoles. Madrid, Ediciones Atlas, 1957, I, pp. 42-43.

Vaticínios de Séneca impressionaram muito a antiguidade e este veio até os nossos dias. P. A. Martin Robles, que moderadamente traduziu as tragédias de Séneca, verte *ingens tellus* por *um imenso continente*, acrescentando em nota: «Traducido así (y el adjetivo autoriza a ello) resulta evidente la profecía del descubrimiento de América». E orgulhosamente espanhol: «Un español cantó con antelación las glorias de España» (7); Séneca nasceu em Córdova.

A crença em profecias permite que se interpretem assim tais analogias. Perdôe-se-me este quase excursão.

Outra circunstância que reduz a credibilidade na informação de Las Casas é a de ter começado tarde a escrever a *Historia de las Indias*; em 1527, 21 anos depois da morte de Colombo, com 43 anos; e foi-a redigindo ao longo de toda a sua vida, tendo-a dado por terminada só em 1564, aos 80 anos, a dois do seu falecimento (8). E ainda assim a legava a seus irmãos domínicos do Colégio de S. Gregório, de Valladolid, com a prescrição de que a não publicassem antes de decorridos 40 anos sobre o seu falecimento. Entendia o venerável missionário que só nessa época Espanha tomaria consciência das violências praticadas contra os índios e do gravíssimo erro de os ter por selvagens e fora do grémio humano (9).

Distante, no tempo, dos acontecimentos, e fora do espaço em que tinham decorrido, a que assistiu ou lhos contaram, manifesta alguma insegurança no apurar da verdade, já que tem de recorrer a deficiente retentiva. Escrevia em 1552, aos 68 anos, residindo em Sevilha, a 14 do seu passamento: «...Y si algunas (cosas) referiere, que por los ojos non vide, o que las vide y no bien dellas me acuerdo, o que las oí, pero a diversos, y de diversas maneras me las dijeron, siempre conjeturaré por la experiencia larguissima que de todas las mas dellas tengo» (10).

Não nos deixa de causar alguma estranheza que utilize a *História Portuguesa* de João de Barros (1496-1570), que por

(7) *Tragedias de Lucio Anneo Seneca*, Madrid, Librería y Casa Editorial Hernando, S. A., tomo primero, p. 167.

(8) Ler «Estudio preliminar» de Juan Perez de Tudela, in *Historia de las Indias*, p. CVII.

(9) *Op. cit.*, p. 15.

(10) *Op. cit.*, pp. 14-15.



1530-1531 aproveita o relato de Rui de Pina (1440-1522), cerca de 25 anos depois da morte de Colombo, ele que foi íntimo de seus filhos e pôde dispor de abundante documentação saída do punho do Almirante. E sobre tudo isso, morrendo em Sevilha no ano de 1552, teve presente a opulenta Biblioteca Colombina reunida por Fernando Colombo.

Já referi a outra fonte indispensável para a biografia de Colombo, o livro de Fernando. Nasceu este de D. Beatriz Henriques, de família respeitável, em Córdoba, em 1488. Colombo, viúvo com 32 anos, não casou com D. Beatriz. Teve Fernando esmerada educação, foi pagem, com seu irmão Diogo, do príncipe D. João, filho dos Reis Católicos, e, depois da morte de D. João, da rainha Isabel (1498). Apurou-se no conhecimento de letras e ciências, de Geografia e navegação e História Natural e foi cosmógrafo maior de Carlos V.

Tem-se-lhe negado, sem suficiente prova, a autoria da *História do Almirante*, que uns atribuem ao célebre humanista espanhol Fernando Peres de Oliva e outros a Frei Bartolomeu de Las Casas. O mais que posso dizer é que, pelo menos, Las Casas deve ter conhecido o original de Fernando. A obra, de que se desconhece o original castelhano, foi publicada a primeira vez em Veneza, em 1571, em italiano, traduzida por Alfonso de Ulloa e daí se trasladou para castelhano.

Se há que acusar Las Casas de parcialidade na apoteótica apologia de Colombo e apaixonada defesa dos filhos, com muito mais veemência se têm posto a descoberto fraudes e erros de Fernando. Obra «...cheia de erros em datas e distâncias e na ortografia de nomes próprios» escreve-se no insuspeito *Diccionario Enciclopédico Hispano-Americano* (Barcelona, Montaner y Simón, 1890). Jaime Cortesão acha-a produzida «...em estado passional e vindicativo...», caracterizando-a como «...invencionice... falsificação e mutilação consciente de textos» (11). Para Ballesteros «...é a obra mais tendenciosa e parcial que se pôde escrever a favor de Colombo» (12). E, em verdade, qualquer leitor, por pouco avisado, logo dá por detur-

(11) Os Descobrimentos Portugueses, Lisboa, Livros Horizonte, 1176, II, pp. 614, 616.

(12) Vide Augusto de Mascarenhas Barreto — *O Português Cristóvão Colombo, Agente Secreto do Rei D. João II*, Lisboa, Edições Referendo, 2.ª edição, 1988, p. 89.

pações. Poucas vezes se têm levantado em desagravo de Fernando. Menéndez y Pelayo reconhece valor documental à *Historia del Almirante* (13). Giuseppe Moletto, Professor da Universidade de Pádua, tem-na por obra de muito mérito (14).

Com todos os descontos tem de asseverar-se que é pelo livro de Fernando que se conhecem documentos colombinos que se perderam; citem-se as cartas de Toscanelli ao Cónego Fernão Martins e a Colombo, o imprescindível relato da 4.ª viagem e outras notícias, dispersas por toda a obra. Em suma, é ela caminho que temos de trilhar, bom grado, mau grado os escolhos do trânsito (15).

Não foi pequeno, acentue-se, o serviço que Fernando prestou, reunindo manuscritos e livros de seu pai e seus e fundando a Biblioteca Colombina de Sevilha, arquivo de consulta obrigatória a quem se ocupe de Colombo.

No esboço biográfico, que se segue, utilizamos, com frequência, os textos colombinos, autógrafos e apógrafos, que a Professora Consuelo Varela leu, organizou e publicou, com o zelo e competência que justamente se lhe reconhecem (16). Citam-se as palavras de Juan Gil: «Los escritos colombinos em realidad, no llegan a cristalizar en un texto definitivo, sino que están siempre sometidos a constantes manipulaciones y refundiciones» (17).

É voz corrente que da tradição se ouve e a generalidade dos escritos confirma que Colombo é italiano, nasceu em Génova, havendo, no entanto, outras cidades que o querem para si: Placência, Cuccaro, Cogoletto, Pradello, Milão, Módena, Calvi, Terrarosa (18).

Colombo parece ter guardado segredo sobre a sua origem. Só em um documento do seu punho, o da instituição do mor-

(13) Fernando Colombo, *op. cit.*, p. 18.

(14) Fernando Colombo, *op. cit.*, pp. 23, 24.

(15) Vide «Introducción» de Luis Arranz à *Historia del Almirante*, Madrid, Historia 16, Información y Revistas, S. A., 1984, pp. 30-31.

(16) Cristóbal Colón, *Textos y Documentos Completos*. Edição de Consuelo Varela. Madrid, Alianza Editorial, 1984, 2.ª edição.

(17) *Mitos y Utopias del Descubrimiento. 1. Colón y su Tiempo*, Madrid, Alianza Editorial, 1989, p. 142.

(18) D. António Ballesteros y Beretta — *Historia de España y su Influencia en la Historia Universal*, p. 694.



gadio (Sevilha, 22/2/1498), e há quem o tenha por apócrifo, declara ter nascido em Génova: «...siendo yo nacido en Génova...», «...pues de aí salí y en ella nazí...» (19). Nenhuma notícia sobre os pais. Até o verdadeiro nome ocultou. Tomou o de Cristóbal Colón, querendo dizer, segundo Las Casas, Cristóbal *Christum ferens* (portador de Cristo) e Colón, povoador (20). Apontam também para filiação genovesa os seguintes passos, em que o ouvimos:

— «...mando al dicho D. Diego, mi hijo, o a la persona que heredare el dicho Mayorazgo, que tenga e sostenga siempre en la ciudad de Génova una persona de nuestro linaje, que tenga allí cassa y mujer, e le ordene renta con que se pueda bibir honestamente, como persona llegada a nuestro linaje, y haga pie e raiz en la dicha ciudad como della ,porque podrá aver de la dicha ciudad ayuda e favor en las cosas de menester suyo...» (21).

— «...mando al dicho D. Diego o a quien poseyere el dicho Mayorazgo, que procure y se trabaje siempre por la onra y bien y acrecentamiento de la ciudad de Génoa y ponga todas sus fuerças e bienes en defender y aumentar el bien e honra de la República d'ella, no yendo contra el servicio de la Yglesia de Diós e alto estado del Rey o de la Reina, Nuestros Señores e de sus sucesores» (22).

— no memorial deixado a seu filho Diogo, cerca de 1502, um como testamento, antes de partir para a sua 4.ª viagem: «Muy caro hijo, ...Micer Francisco de Riverol, Micer Francisco Doria y Micer Francisco Cataño y Micer Gaspar d'Espendola me prestaron para suplir el ochavo de las mercaderías que fueron a las Indias, y más ciento y diez ocho mil maravedís en dinero que se gastaron en Sevilla y cincuenta mil en Xerez y veinte y cinco mil en Granada. De todo tienen mi cedula y escritura pública. Yo he mandado a Carvajal que los pague todos. Procura que sea así...» (23).

— Documento autógrafo existente no Palácio Municipal de Génova, a carta que envia a Nicolás Oderigo, de Sevilha,

(19) C. Colón, *op. cit.*, doc. XIX, pp. 192, 196.

(20) *Op. cit.*, p. 21.

(21) C. Colón, *op. cit.*, doc. XIX, Institución de Mayorazgo, p. 196.

(22) *Ibidem*, 198.

(23) C. Colón, *op. cit.*, doc. LX, p. 310.

a 21 de Março de 1502, antes da 4.ª viagem, anunciando-lhe que este receberá das mãos de Francisco de Ribarol, comerciante genovês em Sevilha, o livro de suas escripturas, cartulário que se conhece por *Libro de los Privilegios*, com os «documentos que consideraba más importantes entre sus cartas, privilegios y cedula otorgadas por los Reyes» (24).

— Em disposição adicional ao testamento feito em Valladolid, em 19/5/1506: «Relación de ciertas personas a quien yo quiero que se den de mis bienes lo contenido en este memorial, sin que se le quite cosa alguna d'ello. Hásele de dar en tal forma que no sepa quién se las manda dar.

Primeramente a los herederos de Gerónimo del Puerto, padre de Venito del Puerto, chancellor de Génova, veinte ducados o su valor.

A Antonio Vazo, mercador ginovês, que solía vevir em Lisboa, dos mil e quinientos reales de Portugal, que son siete ducados poco más, a razón de trescientos e setenta y cinco reales el ducado.

A un judio que morava a la puerta de la judería en Lisboa, o a quien mandare un sacerdote, el valor de medio marco de plata.

A los herederos de Luis Centurión Escoto, mercader ginovês, treinta mil reales de Portugal, de los cuales vale un ducado trescientos ochenta y cinco reales, que son setenta y cinco ducados poco más o menos.

A esos mismos herederos y a los herederos de Paulo Negro, ginovês, cien ducados o su valor; han de ser la mitad a los unos herederos y la otra a los otros.

A Baptista Espínola o a sus herederos, si él es muerto, veinte ducados. Este Baptista Espínola es yerno del sobredicho Luís Centurión. Era hijo de Micer Nicolao Espínola de Locoli de Ronco, y por señas él fue estante en Lisboa el año de mil cuatrocientos ochenta y dos» (25).

— Consuelo Varela, em nota 17 ao texto do documento XXIV, pp. 205-206, relação da 3.ª viagem, escreve: «Los tres navíos enviados de avanzadilla parece que eran capitaneados por Pedro de Arana, Alonso Sánchez Carvajal y Juan Antonio

(24) C. Colón, *op. cit.*, doc. LXII, p. 313.

(25) C. Colón, *op. cit.*, doc. XCIII, p. 363.



Colombo (genovés pariente del Almirante, como nos dice Las Casas» (I, 100).

Muito intensas as relações de Colombo com gente de Génova, sobretudo comerciantes. E adiante se dirá do bom acolhimento com que o receberam em Lisboa, quando pela primeira vez chegou a Portugal. Génova era, aliás, na Europa, pátria de marinheiros e comerciantes; não será de esquecer que foram genoveses quem, em tempo de Dinis, organizou a armada real, por 1317, e é do conhecimento comum que este monarca entregou ao genovês Manuel Peçanha o almirantado (26).

O nosso cronista Rui de Pina, contemporâneo de Colombo (1440-1522), dá-o por italiano ao referir sua entrada no porto de Lisboa e os sucessos de sua estadia entre nós, de regresso da 1.ª viagem (1493), de que adiante nos ocuparemos: «...a seis de Março arribou arrestelo em Lisboa Christovam Colombo Italiano, que vynha do descobrimento das Ilhas de Cipango, e d'Antilia, que per mandado dos Reis de Castella tynha fecto...» (27). Garcia de Resende (1470-1536) decalca o texto de Pina (28). João de Barros (1496-1570), muito mais tarde, utiliza também Rui de Pina e escreve: «...segundo todos afirmam Cristóvam Colom era genovês de nação» (29). Las Casas desconhece o lugar da província de Génova, onde nasceu: «Fue pues este varón... de nación ginovés, de algún lugar de la provincia de Génova; cual fuese donde nació o que nombre tuvo el tal lugar no consta la verdad dello, más de que(se) solía llamar, antes que llegase al estado que llegó, Cristóbal Columbo de Terra-rubia... Una historia portuguesa que escribió un Juan de Barros, portugués, que llamó *Asia*, en el lib. 3.º, cap. II de la primera década, haciendo mención deste descubrimiento, no dice sino que, según todos afirmam, este Cristóbal era ginovés de nasción» (30). A família de sua mulher, Filipa Moniz, interrogada em juízo sobre a origem de Colombo, não lhe dá a de Génova (34). O filho Fernando

(26) Veja-se Jaime Cortesão, *op. cit.*, I, pp. 271, 272, 274, 275.

(27) *Croniqua Delrey Dom Joham II*, pp. 184, 185.

(28) *Crónica de D. João II e Miscelânea*, p. 241.

(29) *Asia*, 1.ª década, p. 119.

(30) *Historia de las Indias*, p. 21.

(31) *Enciclopedia Espasa*, s. v. Colón.

(1488-1539) tem-no por genovês, embora confesse que ignora «...muchas cosas» de seus «primeros días», como mencionámos. Pedro de Arana, irmão de Beatriz Henriques, que na 3.ª viagem comandou um dos navios, só sabe que era genovês, mas não de onde (era) natural (32). Em documento conservado no Arquivo de Estado de Génova e aqui lavrado em 25 de Agosto de 1479, figura Cristóvão Colombo como testemunha e nele declara, sob juramento, ter nascido em Génova e que vai voltar a Portugal, onde residia. E fica-se a saber que se ocupava, em Lisboa, de compras de açúcar, na Madeira, como agente comercial de mercadores genoveses (33). Ainda se não provou que este documento seja falso.

De Luís de Albuquerque (†), mestre maior em descobrimentos, são estas palavras: «...um seminário, reunido em Madrid há relativamente pouco tempo, sob a presidência de Paolo Emilio Taviani e a participação de especialistas de várias origens na história de Colombo, se terminou com discordâncias a respeito de vários temas em discussão, houve um que não levantou a mínima dúvida, com efeito todos reconheceram e sem esforço que o Almirante das Índias era genovês. (In prefácio da obra Cristóvão Colombo — *A Descoberta da América. Diário de Bordo da 1.ª Viagem (1492-1493)*. Lisboa, Publicações Europa-América, p. 10).

Outras origens lhe têm sido atribuídas. Querem-no espanhol (galego, estremenho, catalão), corso, suíço, inglês e até búlgaro e dinamarquês. E, pelo que nos toca, português; ontem, Patrocínio Ribeiro (34), Pestana Júnior (35), Carlos Roma M. de Faria e Maia (36), Santos Ferreira e Ferreira de Serpa (37),

(32) *Enciclopedia Espasa*, s. v. Colón.

(33) Gaetano Ferro — *As Navegações Portuguesas no Atlântico e no Índico*, Lisboa, Editorial Teorema, 1989, p. 177.

(34) *A Nacionalidade Portuguesa de Cristóvão Colombo...*, Lisboa, 1927.

(35) *D. Cristóbal Colón ou Syman Palla, na Historia e na Caballa*, Lisboa, 1928.

(36) *A Nacionalidade Portuguesa e o Nome de Cristóbal Colón*, Coimbra, 1934.

(37) *Salvador Gonsalves Zarco (Cristóbal Colón). Os livros de D. Ti-visco e Confirmações Históricas*, Lisboa, 1938.



Arthur Lobo d'Ávila e Saul Ferreira <sup>(38)</sup>, Alexandre Gaspar da Naia <sup>(39)</sup>; hoje Mascarenhas Barreto <sup>(40)</sup>. Por este emaranhado de conjecturas me não meto. Remeto o leitor para três obras recentemente publicadas em que fundamentadamente se contesta a tese da origem portuguesa <sup>(41)</sup>. Creio, aliás, que, de quanto se expôs, com relevo para o documento de Génova de 1479, se tem de concluir que Colombo nasceu em Génova.

São dadas como datas de nascimento os anos de 1436, 1450, 1451, com predomínio desta última. Cedo se terá metido na vida do mar, navegando pelo Mediterrâneo, com passagem averiguada por Sardenha, Tunis, Marselha <sup>(42)</sup>.

De quanto sabia da arte de andar por esse mar é exemplo o passo da carta, que, em 6 de Fevereiro de 1502, dirige de Granada aos soberanos, exibindo mais uma vez seu gosto de alardear ciência: «...estos que han de ir de Cádiz a Nápoles, si es tiempo de invierno, van a vista del cabo de Creo en Catalunya; por el golfo de Narbona entonzes vienta muy rezio y las veces las naos conviene le obedescan y corran por fuerza hasta Berbería, y por esto van más al cabo Creo por sostener más la bolina y cobrar las pomegas de Marsella o las Islas de Eres, y despues jamás se desabarcán de la costa hasta llegar donde quier. Si de Cádiz ovieren de ir a Nápoles

<sup>(38)</sup> Cristóbal Colón — Salvador Gonsalves Zarco, *Infante de Portugal*, 1939:

— *Um Infante de Portugal (Salvador Gonsalves Zarco) Descobridor do Novo Mundo*, Lisboa, 1942.

<sup>(39)</sup> Cristóbal Colón. *Instrumento da Política Portuguesa de Expansão Ultramarina*, Lisboa, 1950.

— *D. João II e Cristóbal Colón. Factores Complementares na Consecução de Um Mesmo Objectivo*, Lisboa, 1951.

— *Colombo e Colón. Mentiras Transitórias e Verdades Eternas*, s. l. (Lisboa), 1956.

<sup>(40)</sup> *O Português Cristóvão Colombo Agente Secreto do Rei D. João II*, Lisboa, Edições Referendo, 1988, 2.<sup>a</sup> edição.

<sup>(41)</sup> Luís de Albuquerque — *Dúvidas e Certezas na História dos Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, Vega, 1990; Alfredo Pinheiro Marques — *As Teorias Fantásticas do Colombo «Português»*, Lisboa, Quetzal Editores, 1991; Vasco Graça Moura — *Cristóvão Colombo e a Floresta das Asneiras*, Lisboa, Quetzal Editores, 1991.

<sup>(42)</sup> C. Colón, *op. cit.*, IX, pp. 166-167 (Fragmento de uma carta aos Reis, mandada da Espanha em Janeiro de 1495).

en tiempo de verano, navegan por la costa de Berbería hasta Cerdeña, así como está dicho de la otra costa de la Tramontana» <sup>(43)</sup>. Navegando con o corsário Colombo o Moço, que não era seu parente, ter-se-á incendiado a nau em que seguia, durante o combate que se travou entre Colombo, o Moço e quatro galeras venezianas que vinham de Flandres, tendo-se salvo a nado entre Lisboa e o Cabo de S. Vicente, isto por 1474-76. Diz-se que foi bem acolhido por comerciantes genoveses estabelecidos em Lisboa <sup>(44)</sup>, tendo sido representante da casa genovesa dos Centurione, onde se ocuparia de compras de açúcar na Madeira.

Em andanças pela Madeira e Porto Santo conheceu a família Perestrelo e veio a casar, em 1479, com Filipa Moniz, filha de Bartolomeu Perestrelo, 1.º capitão-donatário de Porto Santo, de ascendência italiana e desde cedo ao serviço do Infante D. Henrique, e de Ysabel Moniz, filha de Gil Aires Moniz, que «pertencia a uma das mais velhas famílias do Algarve e tinha combatido ao lado do Infante, em Ceuta» <sup>(45)</sup>. Conta o filho Fernando que o pai «...costumava ir à missa ao Mosteiro de Santos de que Filipa era comendadora, e teve tanta prática e amizade com ele que se casaram».

Se antes do casamento já frequentava a corte portuguesa, este lhe aumentou, sem dúvida, o prestígio de que gozaria. No ir e vir à Ilha da Madeira e a Porto Santo, onde lhe nasceu o primeiro filho, Diogo, se ia cumprindo a sua paixão pelo mar. De supor que com Portugueses foi à Islândia: «Yo navegué el año de quatrocientos y setenta e sete en el mes de Hebrero ultra Tile isla cient leguas...» <sup>(46)</sup>, e várias vezes à Guiné: «Nota quod sepe nauigando ex Ulixbona ad austrum in Guinea...». «Nota que navegando com frequência para o sul à Guiné» <sup>(47)</sup>, tendo estado na fortaleza de S. Jorge da Mina:

<sup>(43)</sup> Cristóbal Colón — *Diario de a Bordo*. Edición de Luis Arranz, *Historia* 16, 9, p. 18, Madrid, Hermanos Garcia Noblejas 41, 1985.

<sup>(44)</sup> Las Casas, *op. cit.*, pp. 25-26; Fernando Colombo — *Vida del Almirante Don Cristóbal Colón*, México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Economica, 1947, pp. 31-40.

<sup>(45)</sup> Vide Samuel Elliot Morison — *Cristophe Colomb et le Portugal*, p. 272.

<sup>(46)</sup> C. Colón, *op. cit.*, IX, p. 167.

<sup>(47)</sup> C. Colón, *op. cit.*, I, 5, p. 10.



«...et sub linea equinoxialis est castrum Mine serenissimi regis Portugaliae, quem vidimus» (e sob a linha equinocial está a fortaleza da Mina, do sereníssimo rei de Portugal, que vimos) <sup>(48)</sup>. E refere ainda sua presença na Guiné, quando, de regresso da sua primeira viagem, conta que diante da ilha das Tartarugas viu 3 sereias, acrescentando que vira outras «en Guinea, en la costa Manequeta» <sup>(49)</sup>. Decorreram todos estes factos de 1476 até o fim de 1484, em que residiu em Portugal.

Ouviu os Portugueses, com eles praticava a arte da marinharia, observando rumos, tomando a altura do sol com o quadrante e outros instrumentos. E na apostila em que isto refere, assegura-se do rigor de suas medições do perímetro da terra no círculo equinocial, invocando a autoridade de Mestre José, físico e astrólogo de D. João II e de outros muitos que o mesmo rei enviava para as realizar e as achavam iguais às suas <sup>(50)</sup>. Assinale-se que de sua sogra, viúva de Perestrelo, recebeu escritos e cartas de marear, que, segundo o filho Fernando, mais o moveram a empreender o descobrimento. Fernando refere também a lição estimulante das navegações portuguesas e o que com portugueses aprendia: «Com esto (os escritos e cartas)... se entusiasmó más y se informó de los otros viajes y navegaciones que por entonces hacían los portugueses a la Mina y por la costa de Guinea; y le gustaba mucho conversar con quienes navegaban por aquellas partes... Yo no sé si durante este matrimonio el Almirante fue a la Mina... estando en Portugal comenzó a conjeturar que así como aquellos portugueses navegaban tan lejos hacia el Mediodía, del mismo modo se podría navegar la vuelta de Occidente, y que era lógico que pudiera encontrar tierra en aquel camino» <sup>(51)</sup>.

De quanto aprendeu entre nós dão insuspeito testemunho os próprios historiadores espanhóis.

Bartolomeu de las Casas, transcrevendo Agustín Justiano (colección del Psalterio): «Este Cristóbal Colombo...

<sup>(48)</sup> C. Colón, *op. cit.*, I, 3, p. 10.

<sup>(49)</sup> C. Colón, *op. cit.*, II, pp. 111-112 e nota 148 da p. 111. As sereias seriam focas.

<sup>(50)</sup> C. Colón, *op. cit.*, I, p. 10, 5.

<sup>(51)</sup> Fernando Colombo, *op. cit.*, p. 41.

quando ya fué mancebo se dió al arte de la mar y pasó a Lisboa, en Portugal, donde aprendió las cosas de cosmografía, etc.» <sup>(52)</sup>. E adiante Las Casas: «...cierto es haber sido los portugueses los primeros que esta manera de navegar (fora da costa) hallaron y usaron; y dellos los españoles la tomamos; no se les quite su merecimiento, antes les demos las gracias, y porque Cristóbal Colón y su hermano Bartolomé Colón en aquellos tiempos vivían en Portugal, allende de lo que ellos se sabían de teórica e experiencia de navegación, en Portugal se debieran en esta facultad de perficionar» <sup>(53)</sup>.

Mestre Menéndez Pidal afirma que Colombo aprendeu com os Portugueses «...a tomar a altura do sol com o astrolábio, método náutico que muito utilizaram Mestres José e Rodrigo (da câmara de D. João II) e pode bem dizer-se que dos navegantes portugueses aprendeu toda a arte de marear... tornando-se grande marinheiro...» <sup>(54)</sup>.

Lê-se na Enciclopédia *Espasa*: «Os Portugueses eram, então, os navegadores mais hábeis e empreendedores da Europa, e entre eles pôde Colombo ter adquirido todo o conhecimento e perícia que revelam seus feitos posteriores» <sup>(55)</sup>.

Recentemente o Professor Juan Gil atribui à sua permanência em Portugal a «...maturidade de seus objectivos... Este ambiente excitante e exótico, cheio de grandiosos projectos enriquece a sua experiência e possibilita o descobrimento, pois quando se estabelece em Espanha... Colombo dispunha de um amplíssimo caudal de conhecimentos em mundos e mares... e esta etapa portuguesa é tão decisiva que marca indelevelmente a mentalidade do Almirante, que morre acreditando ter alcançado o seu sonho (das Índias), um sonho próprio de um português e que só a um português estava reservado...» <sup>(56)</sup>.

E não lhe eram estranhos, sem dúvida, progressos na cartografia, a navegação pelas estrelas, o conhecimento de ventos e correntes marítimas do Atlântico, indispensáveis à

<sup>(52)</sup> *Historia de las Indias*, I, p. 25.

<sup>(53)</sup> *Ibidem*, pp. 103-104.

<sup>(54)</sup> *Op. cit.*, p. 17.

<sup>(55)</sup> *S. v. Colón*.

<sup>(56)</sup> C. Colón, *op. cit.*, XXV-XXVI.



navegação de alto mar, com que se superiorizava a ciência náutica portuguesa <sup>(57)</sup>.

À experiência náutica adquirida, antes e sobretudo depois de seu ingresso em Portugal, juntava o que aprendera dos antigos e mestres medievais, em cujo saber profundamente confiava e cujas obras lia em latim e em latim comentava. «En este tiempo he yo visto y puesto estudio en ver de todas escrituras cosmografía, istorias, coronicas y filosofia y de otras artes, a que me abrió Nuestro Señor el entendimiento con mano palpable a que era hasedero navegar de aquí a las Indias y me abrió la voluntad para la hexecución dello», escreve em carta aos Reis Católicos, de Sevilha, em 1501 <sup>(58)</sup>. E cita e aproveita Aristóteles, Plínio, Séneca, Estrabão, Ptolomeu, Esdras, Escoto, Beda, Pedro Coméstor, Pedro de Alíaco, Eneas Sílvia, Marco Polo. Livros de cabeceira seriam os de Ptolomeu (2.º sec. p. C), Pedro de Alíaco (1350-1420) e Marco Polo (1254-1323), além das Sagradas Escrituras e das lições dos Santos Padres, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, Santo Isidro, S. João Crisóstomo.

Põe, pois, em realce a importância desta informação a ponto de dizer que ela o determinou a executar o descobrimento. E Duarte Leite, talvez por leitura de Las Casas, cita como importantes as sugestões de Aristóteles e Senéca <sup>(59)</sup>. E vai ainda mais longe Alejandro Cioranescu, que conclui: «...Su trabajo de descubridor es el de un investigador sentado delante de su mesa de trabajo: en caso de duda o de apuro, lo que se le ocurre pedir son más textos y más estudio. Para llegar a las conclusiones a las que le hemos visto llegar, poco importa conocer muchos derroteros o saber de los vientos y de las corrientes: en cambio, importa mucho saber latin. En resumidas cuentas, el descubrimiento de América no es obra de un navegante, sino de un humanista» <sup>(60)</sup>.

<sup>(57)</sup> Teixeira da Mota in *O essencial sobre Cristóvão Colombo e os Portugueses*, a pp. 10, 11, 47, 48, entende que Colombo, embora «hábil navegador por cálculo» e «dotado de extraordinárias e incontestáveis aptidões para a navegação», se «revelou incapaz de assimilar os métodos de navegação astronómica que os Portugueses estavam então a desenvolver».

<sup>(58)</sup> C. Colón, *op. cit.*, XLV, p. 277.

<sup>(59)</sup> *História dos Descobrimentos*, p. 419.

<sup>(60)</sup> Colón, *Humanista*, pp. 51, 52.

É evidente o exagero de Cioranescu, que ou esquece ou mal conhece a documentação colombina, mas dá ideia do peso que no espírito de Colombo seguramente tinha a sabedoria dos Antigos. Mas não se imagine que o princípio de autoridade o pôde desviar da verdade que sua experiência ou alheia análoga lhe transmitiam: «Los navegantes y otras gentes que tractan por la mar tienen siempre mayor conozimiento de las partidas particulares del mundo donde usan y hacen sus contractaciones más continuo; y por esto cada uno d'estos sabe mejor de lo que vee cada día que no lo otro que viene de años ha años. Y así reszebimos con delectación la relación que ellos mesmos nos hacen de lo que vieron y collejieron, como cierto allegamos más grande enseñanza de aquello que deprendemos por nuestra propia espirenzia <sup>(61)</sup>.

E, a respeito da diversidade climática nos vários lugares da terra, tem suas observações como exactas, rejeitando a opinião dos Antigos, como a de Plínio: «...bien que harto hayan scripto los antiguos sobre esto, así como Plínio...» <sup>(62)</sup>.

E tanto acreditava nos dados da sua observação que tecia teoria própria, como a da forma da terra, e se obstinava no erro negando, para isso, a lição de Ptolomeu e de todos os outros sábios: «Yo siempre leí qu'el mundo, tierra e agua era espérico (e) n las auctoridades y esperiencias que Ptolomeo y todos los otros qu'escribieron d'este sitio davan e amostraban para ello, así por eclipses de la luna y otras demostraciones que hazen de Oriente fasta Occidente como de la elevación del polo de Septentrion en Austro. Agora vi tanta disformidad como ya dixé; y por esto me puse a tener esto del mundo, y fallé que no era redondo en la forma qu'escriben, salvo que es de la forma de una pera que sea toda muy redonda, salvo allí donde tiene el peçon que allí tiene más alto, o como quien tiene una pelota muy redonda y en un lugar d'ella fuesse como una teta de muger allí puesta, y qu'esta parte d'este peçon sea la más alta e más propinca al cielo y sea debaxo la linea equinoçial, y en esta mar Ocçeaná,

<sup>(61)</sup> C. Colón, *op. cit.*, doc. LIX, carta a los Reyes, p. 305. O sublinhado é nosso.

<sup>(62)</sup> *Idem, ibidem.*



en fin del Oriente (llamo yo fin de Oriente adonde acaba toda la tierra e islas)...»<sup>(63)</sup>.

A referida viagem à Islândia dá-lhe para discordar de Ptolomeu, seu mestre maior, na situação de Tile: «...Tile isla... no está dentro de la línea que incluye el Occidente como dize Ptolomeo, sino mucho más occidental»<sup>(64)</sup>. Apoiado no cardeal Pedro de Alíaco, que segue Aristóteles, refuta, e neste caso erradamente já que aceita que «...de siete partes del mundo las seis son descubiertas e la una es cubierta de agua...», Ptolomeu e seus sequazes acerca do volume de águas na terra: «El cual cardenal da a estos (Aristóteles, Plínio, Séneca, Averrois) grande auctoridad, más que a Ptolomeo ni a otros gregos ni arabes»<sup>(65)</sup>. E ante a grandeza do novo mundo que descobria, comenta: «...no se sabía otra tierra más de la que Ptolomeo escribió...»<sup>(66)</sup>.

Associando o saber textual à prática da marinharia, concebeu o aventureiro e destemido Colombo o ambicioso plano de alcançar as Índias, Cipango, Catai, o reino do Grã Kan, navegando de Oriente para Ocidente através do Atlântico. Nisto se punha em concorrência com o amadurecido projecto português em execução de chegar à Índia, contornando a África.

Sabia o Almirante que preparavam os Portugueses o descobrimento de terras a Ocidente da Madeira e Açores. Diziam-lhe terem sido vistos nos Açores «alguns paus lavrados e uma canoa e dois corpos de homens trazidos pelo mar e vento do Ocidente». E no *Diário da Primeira Viagem*, recontado por Las Casas, refere «...que se acuerda qu'estando en Portugal el año de 1484 vino uno de la isla de la Madera al Rey a le pedir una caravela para ir a esta tierra que vía (al vueste de las Canarias), el cual jurava que cada año la vía y siempre de una manera» e «...que se acuerda que lo mismo dezían en las islas de los Açores y todos estos en una derrota y en una manera de señal y en una grandeza»<sup>(67)</sup>. Cartas que se iam publicando no século XV assinalavam a existência de ilhas

<sup>(63)</sup> *Idem, ibidem*, Relação da 3.<sup>a</sup> viagem (1498), doc. XXIV, p. 213.

<sup>(64)</sup> *Idem, ibidem*, doc. IX, fragmento de uma carta aos Reis Católicos, p. 167.

<sup>(65)</sup> C. Colón, *op. cit.*, doc. XXIV, Relação da 3.<sup>a</sup> viagem, pp. 217, 218.

<sup>(66)</sup> *Idem, ibidem*, p. 239.

<sup>(67)</sup> Las Casas, *op. cit.*, p. 47; C. Colón, *op. cit.*, pp. 18, 19.

a oeste dos Açores e Madeira. Confirmavam-no na sua ideia Aristóteles, Séneca<sup>(68)</sup>, o profeta judeu Esdras (V sec. a. C.), as Sagradas Escripturas, Pedro de Alíaco. E há notícia de que Alonso Sánchez, piloto de Huelva, lhe falou de terras por descobrir a Ocidente<sup>(69)</sup>.

D. Afonso V, talvez por intercessão do príncipe D. João, futuro rei, a quem o monarca entregara a condução dos descobrimentos, terá consultado, por 1474, o famoso cosmógrafo florentino Paolo del Pozzo Toscanelli (1397-1482) sobre o caminho mais curto para a Índia. A resposta, em carta de 25/6/74 ao cônego Fernão Martins, terá sido que este era o de leste para oeste através do Atlântico. Teve, porventura Colombo conhecimento da carta — Las Casas diz que este se cartou com Toscanelli —; o que, em todo o caso, muito se escreve é que o projecto de descoberta lhe veio do sábio florentino, com todos os erros que continha<sup>(70)</sup>. Pensavam também que a viagem à Índia se devia fazer pelo Ocidente o geógrafo e astrónomo Martim Behaim (de Boémia), chegado a Portugal por 1484, e Jerónimo Münzer, o Doutor Monetário, em carta de 1493 a D. João II<sup>(71)</sup>.

Por volta de 1484 apresentava Colombo o seu plano a D. João II, o monarca, que mais que todos entendia de descobrimentos: «...fui (a) aportar a Portugal adonde el Rey de allí entendía en el descubrir más que otro...»<sup>(72)</sup>.

Embora D. João II tivesse quase como certo que se chegaria à Índia, contornando a África e por caminho bem mais curto, não quis decidir sem ouvir os seus cosmógrafos, mestres Rodrigo e Josepe, judeu (José Vizinho), médicos de câmara, D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta e diz-se que também Martim de Boémia. Foi a proposta tida por fantasiosa e rejeitada por D. João II. Colombo media mal o grau terrestre, supunha-se

<sup>(68)</sup> Cfr. Duarte Leite, *História dos Descobrimientos*, p. 419.

<sup>(69)</sup> Ballesteros y Beretta, *Historia de España y su Influencia en la Historia Universal*, p. 676.

<sup>(70)</sup> Angel de Altoguirre y Duvale — *Cristóbal Colón y Pablo del Pozzo Toscanelli*, pp. 399-400; Jaime Cortesão, *op. cit.*, vol. IV, p. 932.

<sup>(71)</sup> Jaime Cortesão, *op. cit.*, vol. IV, pp. 935-6; Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, pp. 122, 141.

<sup>(72)</sup> De carta ao rei D. Fernando de Aragão, depois de 1505, in C. Colón, *op. cit.*, Doc. LXXXIX, p. 357.



muito próximo do Extremo Ocidente, a 2500 milhas, quando a distância era de 10 000 milhas. Seu erro repetiria o de Toscanelli que calculava em 135° o espaço que separava Portugal das Índias pela via atlântica quando era de 217°; e já os cosmógrafos portugueses o estimavam pelo menos em 183°<sup>(73)</sup>. Entenda-se que, apesar destes erros e de outras inexactidões cosmográficas, tem de se lhe reconhecer o muito que sabia do mar, da arte de navegar. Oicamos Miguel de Cuneo, que com ele andou na segunda viagem e com objectividade a relata: «...a mi parecer, desde que Génova es Génova, no ha nacido un hombre tan esforzado y sabedor del arte de navegar como el dicho señor Almirante, porque, en el curso de la navegación, *solamente* con ver una nube o una estrella de noche juzgaba el cielo que debía venir, y si había de hacer mal tiempo, él en persona dirigía y permanecía al timón. Y una vez que había pasado la tempestad, él largaba las velas y los demás dormían<sup>(74)</sup>».

Deve acrescentar-se que se sabia em Portugal da existência de terras a Ocidente. Além do que se dizia ver ao longe da Madeira e Açores, para lá tinham seguido Diogo de Teive, em 1452, João Vaz Corte Real e António Martins Homem, que delas trouxeram notícias<sup>(75)</sup>.

Após a recusa de D. João II seguiu Colombo para Castela, em fins de 1484 ou começos de 85, com receio de que o retivesse o rei, segundo o filho Fernando e Las Casas, fugido ao pagamento de dívidas, segundo outros<sup>(76)</sup>. O que, em todo o caso, se pode dizer é que se assinala sua presença em Portugal, em 11 de Março de 1485, assistindo junto do monarca ao relato de Mestre José Vizinho sobre a medição da altura do sol em toda a Guiné, a que procedera por ordem do soberano<sup>(77)</sup>. A dar fé a uma carta que D. João II lhe terá enviado a 4 de

<sup>(73)</sup> Teixeira da Mota, *op. cit.*, p. 36; Jaime Cortesão, *op. cit.*, IV, p. 910. Oliveira Marques — *História de Portugal*, vol. I, p. 311.

<sup>(74)</sup> *Cartas de Particulares a Colón y Relaciones Coetáneas*. Edición de Juan Gil y Consuelo Varela. Madrid, Alianza Editorial, 1984, pp. 236, 259.

<sup>(75)</sup> Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972, pp. 118-119.

<sup>(76)</sup> Fernando Colombo, *op. cit.*, p. 67; Las Casas, *op. cit.*, p. 110; *Espasa*, s. v. Colón.

<sup>(77)</sup> C. Colón, *op. cit.*, doc. I-6, p. 11.



Mosteiro de Santa Maria de la Rábida, perto de Palos de la Frontera (Huelva).



Março de 1488, conservada nos arquivos dos duques de Verágua, seus descendentes, uma como que resposta a pedido de Colombo para vir a Portugal, se conclui que cometera algum crime ou desmando susceptíveis de citação a juízo e de que o rei lhe garantia imunidade: «E por que por ventura teeres algum receio de nossas justiças por razom dalgumas cousas a que sejaes obrigado, Nós por esta nossa carta vos seguramos pela vinda, estada e tornada que non sejaes preso, reteúdo, acusado, citado, nem demandado por nenhuma causa ora seja cível ora crime de qualquer calidade»<sup>(78)</sup>. E em Dezembro de 1488 estava em Lisboa e assistia com o soberano à chegada de Bartolomeu Dias, depois de dobrado o Cabo, a que este dera o nome da Boa Esperança<sup>(79)</sup>. Ora tudo isto testemunha de boas relações com D. João II, pelo menos nas datas referidas.

Pode pensar-se que, rejeitada também sua proposta em Castela (1486-7), tenha insistido com D. João II em que a aceitasse; nesse sentido vai sua lástima de que em vão gastou 14 anos a pedir a anuência do monarca português: «...el le atajo la vista, oído y todos los sentidos, que en catorze años no le pude hazer entender lo que yo dixé...»<sup>(80)</sup>.

Conta Fernando que, saído de Portugal, pelos fins de 1484, se dirigiu, com o filho Diogo, à vila de Palos de la Frontera, porto importante por su marinhagem e construção naval, já viúvo, D. Filipa morrera-lhe pouco antes, onde conhecia gente do mar e religiosos franciscanos do Mosteiro de Santa Maria de la Rábida, que ficava perto da vila<sup>(81)</sup>. Bem recebido no Mosteiro, aí deixou o filho de uns quatro anos e seguiu para Córdova, onde os Reis Católicos se empenhavam na conquista de Granada. Consuelo Varela, com fundamento em nova documentação, pensa, porém, que primeiramente se terá dirigido a sua cunhada, Briolanja Moniz, irmã de Filipa, residente em Huelva, e só depois ao convento, com ou sem o filho<sup>(82)</sup>.

Uma e duas vezes mandaram os soberanos espanhóis que uma junta de sábios examinasse o plano de Colombo e uma e duas vezes foi rejeitado (Salamanca, 1486; Santa Fé, 1491)

<sup>(78)</sup> Mascarenhas Barreto, *op. cit.*, p. 254.

<sup>(79)</sup> C. Colón, *op. cit.*, doc. I-7, pp. 11-12.

<sup>(80)</sup> C. Colón, *op. cit.*, LXXXIX, p. 357.

<sup>(81)</sup> Província de Huelva.

<sup>(82)</sup> *Colón y los Florentinos*, Madrid, Alianza Editorial, 1988, p. 46-47.



por irrealizável. Já no seio das Descobertas relembra a oposição que teve de vencer para poder dar a América à Espanha: «...siete años pasé aquí en su Real Corte disputando el caso con tantas presonas de tanta abtoridad y sabios en todas artes, y en fin concluyeron que todo hera vano y se desistieron con esto dello...»<sup>(83)</sup>. «Todos aquellos que supieron de inpresa con rixa le negaron burlando. Todas las çiencias de que dixere arriba non me aprovecharon ni las abtoridades d'ellas. En solo Vuestras Altezas quedó la fee y constança»<sup>(84)</sup>.

Acolhido em La Rábida, mandou seu guardião, Frei Juan Pérez, chamar García Hernández, seu médico e dito sabedor de Cosmografia, que se rendeu aos argumentos de Colombo. Presentes o franciscano António de Marchena e o mareante Pedro Velazco. Decidiu-se Juan Pérez, crê-se que confessor da Rainha, a interceder por Colombo, nisso ajudado por Luís de Santángel, escrivão de razão da Coroa aragonesa<sup>(85)</sup>, que se ofereceu para emprestar à soberana 1.140 000 maravedis (A guerra contra os Mouros, com a final reconquista de Granada empobrecera o erário régio), mais de metade do dispendio a fazer com a viagem, calculado em 2 contos (2 000 000 de maravedis). Colombo entrava com 500 000, o dobro do oitavo que lhe competia. Os 360 000 ficavam a cargo da vila de Palos (Huelva). Nova documentação revelada por Consuelo Varela deixa supor, com bom fundamento, que Juanoto Berardi, mercador florentino, com quem Colombo manteve relações de amizade e comerciais, e até terá sido seu sócio em negócios, lhe terá emprestado um oitavo da despesa<sup>(86)</sup>. E pelo mariante também estiveram Frei António de Marchena, Frei Diego de Deza, D. Luís de la Cerda, duque de Medinaceli e o cardeal D. Pedro González de Mendoza. Aceitou, finalmente, a Rainha o projecto do navegador e ainda todas as condições que propôs. O contrato foi assinado em Santa Fé (Granada) a 17 de Abril

<sup>(83)</sup> C. Colón, *op. cit.*, XLV, p. 278.

<sup>(84)</sup> C. Colón, *op. cit.*, XLV, pp. 277, 278.

<sup>(85)</sup> «... oficio de la Casa Real de Aragón, equivalente al de Contador Mayor de la Corona de Castilla, que a la sazón desempeñaba el influyente Luis de Santángel» (Carlos Sanz—*La Carta de Colón...*, p. 14, nota 40.

<sup>(86)</sup> *Colón y los Florentinos*, Madrid, Alianza Editorial, 1988, pp. 50, 51, 63.



Reprodução da casa onde se diz terem vivido, em Palos, os irmãos Pinzón.



de 1492: Colombo seria nomeado almirante do mar oceano e governador perpétuo das terras a descobrir, benefícios hereditariamente transmissíveis; receberia o dízimo de todas as mercadorias, deduzidos os gastos; reconhecia-se-lhe o direito de pagar a oitava parte das despesas com as expedições, recebendo outrotanto do que produzissem.

Armaram-se três caravelas, duas mais pequenas, mas todas fracamente equipadas para tão perigosa navegação. Aos irmãos Pinzones, Martín Alonso, o mais velho, Francisco Martín e Vicente Yañez, o mais moço, foi dado respectivamente o comando da caravela Pinta, em que seguiu Francisco, como piloto, e o comando da Niña a Vicente Yañez; a maior, a Santa Maria, levou Colombo por capitão.

Disfrutavam os Pinzones de grande prestígio em Palos, sobretudo Martín, por sua riqueza e experiência marítima. A confiar em documentação existente aparelhou Martín Alonso dois navios e emprestou ao Almirante meio milhão de maravedis. Também se escreve que Vicente custeou a oitava parte dos gastos da empresa. Há quem atribua a Martín boa parte do êxito da viagem. Aos Pinzones se deveria ainda apreciável ajuda no recrutamento da tripulação. De qualquer modo será injusto esquecer a parte que lhes cabe na gloriosa descoberta.

Na manhã de sexta-feira, 3 de Agosto de 1492, saíu a frota do porto de Palos e fundeou na barra de Saltes, diante de Huelva de hoje. Na manhã seguinte levantou ferro com rumo às Canárias. Na manhã de 6 de Setembro saíam de Gomera para a grande viagem. Céu e mar por longos dias punham nos marinheiros, pouco ou nada lidados com o mar oceano, inquietação e medo de alcançar alguma vez terra ou sequer de regressarem à sua Espanha. Murmúrios que segundo Las Casas chegaram quase à sublevação, falando-se mesmo de matar o Almirante. Lá os foi enganando e tranquilizando como pôde Colombo, até que ao amanhecer de 12 de Outubro se ouviu o grito de *Tierra!*, soltado por Rodrigo de Triana. Mas os 10 000 maravedis de pensão, para quem primeiro a avistasse, ficaram com Colombo, que dizia tê-la visto por sinais luminosos, na noite anterior. O prémio entregou-o a D. Beatriz Henriques. Fernández Duro conta-nos isto em *Colón y Pinzón*, pp. 144-147, e mais, que o revoltado marinheiro renegou pátria e fé e foi viver, como muçulmano, no norte de África. A terra avistada



foi a ilha de Guanahani (hoje Watling), onde o Almirante e os irmãos Pinzón desembarcaram e se tomou posse do primeiro chão descoberto em nome dos Reis Católicos, e a que o Almirante deu o nome de S. Salvador, em agradecimento a Deus que lha tinha dado. E foi tocando em outras ilhas mais do arquipélago das Bahamas: Santa Maria da Conceição, Fernandina, Isabela e Ilhas de Areia. E adiante encontrou e costeou a grande ilha de Cuba, a que chamou Juana (28 de Outubro) e a de Haiti, a formosa e muito celebrada Ilha Espanhola (6 de Dezembro). Aqui, como em Cuba, no seu constante cismar de que tinha alcançado o Extremo Oriente, supôs pisar terra da almejada Cipango (Japão) <sup>(87)</sup>. À entrada do porto veio a perder-se a Santa Maria. Colombo, que não dormia havia dois dias, deixara o governo a um marinheiro, que, também fatigado e em noite de calmaria o entregou a um grumete, o que, de todo, estava proibido pelo Almirante. Pela noite dentro a correnteza das águas atirou com a nau para um baixio.

Antes do regresso a Espanha, que se iniciou a 4 de Janeiro de 1493, mandara erguer na ilha uma fortaleza, que deixou à guarda de 39 homens, sob o comando de Diogo de Arana, primo de Beatriz Henriques e de Pedro de Arana. Madeiras, aprestos e mantimentos da nau encalhada muito ajudaram a construção e manutenção da fortaleza, núcleo da povoação a que Colombo deu o nome de Navidad por aí ter chegado em dia de Natal.

A viagem decorria sem turbulências de maior, o Almirante a bordo da Ninha, quando, por alturas dos Açores, se abateu sobre as naus grande tormenta — 15, 16, 17 de Fevereiro. O Almirante sem dormir, o corpo enregelado de frio e água salgada, uma ilha à vista. A 18 mal pôde ancorar, a ilha era a de Santa Maria. Houve fala com gente de terra. Como o ancoradouro não era seguro, zarpou para S. Miguel, que não encontrou; e o mar sempre revoltado, o vento fortíssimo, tornou para Santa Maria. Havendo perto, na costa, uma ermida, decidiu lá ir em romaria. João de Castanheda, capitão da ilha,

<sup>(87)</sup> Cipango, do chinês *Je-pen Kuo*, país do sol nascente. Em Juan Gil — *Mitos y Utopias...*, p. 47, nota 89.

desconfiou das boas intenções de Colombo e prendeu três da caravela, aí em oração.

Mal ancorado, mar ameaçador, rumou de novo o Almirante para S. Miguel que não pôde achar. Voltou a Santa Maria. Feita a paz com Castanheda, prossegue a viagem. Dias com mar chão, mas a 27 do mesmo Fevereiro, ondas alterosas e ventos que romperam as velas; tiveram de navegar a *árvore seca*. Votos de romarias e jejuns. Lisboa perto, à vista a roca de Cintra. Havia que entrar no Tejo. Sobre Cascais, vendaval desfeito, a gente da vila orava pelos marinheiros. Vencida a barra, a caravela estanceou no porto. O povo acorria a vê-los, salvos de tão grande perigo. Era o dia 4 de Março. Daí passou o Almirante ao Restelo. Escreveu a D. João II que o deixasse fundear em Lisboa e expediu outra carta aos Reis Católicos. Pousava D. João II em Vale-do-Paraíso, a umas nove léguas de Lisboa, junto do Mosteiro de Santa Maria das Virtudes, termo de Santarém, arredado da cidade por via da peste que nela grassava. Solicitou-lhe o monarca que viesse até ele. Sabendo-se que o Almirante vinha das Índias, muito foi o povo de Lisboa que a 6 e 7 de Março o veio ver e os índios que trazia, com manifestações de grande admiração e de fé, pelo almirante e pela protecção que Deus lhe concedera em aumento da cristandade.

Conta Rui de Pina, contemporâneo de Colombo, só 11 anos mais velho (1440-1522) e Garcia de Resende 30 anos mais novo que Rui de Pina que decalca o texto de Pina (1470-1536), e ainda João de Barros, 26 anos mais velho que Resende (1496-1570) que também segue a Rui de Pina e Las Casas (1474-1566), que aproveita João de Barros, que pela ousadia de Colombo, acusando el-rei de negligência, por lhe não ter recebido os serviços, e por sua incontinência no falar e multiplicar riquezas encontradas, se dispuseram alguns fidalgos a ali o matarem; isso se justificaria pela descortesia e alvoroço do navegador e cessaria todo o efeito de seu empreendimento. Não o quis assim D. João II e, muito pelo contrário, o recebeu com honras e mercês e determinou que lhe fosse dado tudo de que carecesse, advertindo-o, porém, de que as terras descobertas eram pertença da Coroa portuguesa, pleito que depois se havia de dirimir.



Deixou Colombo Val-do-Paraíso no dia 11 de Março, tendo passado pelo mosteiro de Santo António, em Vila Franca, a despedir-se da Rainha, que aí estava, acompanhada de D. Manuel, seu irmão, Duque de Beja e futuro rei de Portugal e do Marquês de Vila Real, D. Pedro de Noronha.

O dia 13 de Março de 1492 via sair o Almirante com destino a Sevilha e a 15, pelo meio dia, entrava na barra de Saltes e fundeava no porto de Palos, de onde tinha partido.

Chamaram-no os Reis a Barcelona, onde estavam, e para lá logo partiu a levar-lhes a boa nova. O descobridor da América teve recepção triunfal. A caminho de Barcelona aclamavam-no as populações, olhando com surpresa e admiração a gente índia que trazia. Os Reis acolheram-no com pompa e, prodigalizando-lhe as mais altas honras, fizeram-no fidalgo, com escudo de armas, conhecendo-se a legenda que o rodeava: «Por Castilla e por León — Nuevo Mundo halló Colón».

Sai a 25 de Setembro para a segunda viagem, com 3 caracas e 14 caravelas. Leva o filho Diogo. Descobre outras muitas ilhas — as Pequenas Antilhas —, Guadalupe, Porto Rico, Jamaica. Mortos pelos nativos os 39 homens da guarnição do forte de Navidad, na Ilha Espanhola, e o forte destruído. Outro novo ergueu na ilha e fundou, adjacente, a povoação e depois cidade de Isabela. Acusado de governar mal a Espanha, mandaram os Reis João Aguado para indagar do que se passava. Colombo denuncia-lhe a parcialidade. Regressa a Espanha em Março de 1496. Vigorosa personalidade, audácia, perícia nos caminhos do mar apagam-lhe a má fama que lhe tinham posto. Os Reis enchem-no de novo de marcês.

E vem a 3.<sup>a</sup> viagem. Parte com 6 navios de S. Lúcar de Barrameda a 30 de Maio de 1498. Novo percurso: Porto Santo, Madeira, Canárias, Cabo Verde. Descobre a ilha de Trindade e, pela primeira vez, toca, sem o saber, o continente americano, no golfo de Párea, junto à foz do Orinoco (parte norte-oriental da Venezuela). Segue para a Espanhola. Governa-a o irmão Bartolomeu. Subleva-se o alcaide-mor da ilha, Francisco Roldán, por litígio com Diogo Colón. O Almirante entende-se com Roldán e entra abertamente no comércio de escravos, que, inicialmente, desagrada à Rainha, fiel a seu credo cristão, senhora de vassallos e não traficante de escravos. Outro des-

gosto afectou o navegador: os monarcas cometeram a Alonso de Ojeda a missão de novos descobrimentos. Com este seguiu Américo Vespúcio, cujo nome havia de ficar ao continente descoberto por Colombo. E mais, entregaram o governo da Espanhola ao comendador D. Francisco Bobadilha. Colombo negou-se a reconhecer os poderes de Bobadilha e mandou-o este prender e agrilhoar, e bem como seu filho Diogo e o irmão Bartolomeu. E foi assim, acorrentados, que chegaram a Cadiz a 20 ou 25 de Novembro de 1500. Recebem-no os soberanos na Alhambra, logo o desculpando de acusações e garantindo-lhe protecção. Em 1501 é nomeado governador da Espanhola D. Nicolau Ovando.

Por Espanha se detém até 1502, acalentando o sonho de libertar os Lugares Santos das mãos dos infiéis. Em 9 ou 11 de Maio parte de Cadiz para a 4.<sup>a</sup> viagem, levando 4 caravelas e com ele o irmão Diogo e o filho Fernando, futuro cronista desta sua e última odisseia. Dirigiu-se primeiro a Arzila, a socorrer portugueses cercados pelos mouros. Quando aí chegou já os mouros tinham levantado o cerco <sup>(88)</sup>. Chega a Martinica, daí à Espanhola, onde, por ordem dos Reis, Ovando lhe impede o desembarque. Paira por Caribe, pelas costas das Honduras e do Panamá, tenta fundar a povoação de Belém, de onde se tem de retirar por agressões dos índios. Destroçados dois navios, sem abastecimentos, acolhe-se à Jamaica e encalha os dois restantes. Manda Diogo Mendes, escrivão maior da armada, e Bartolomeu Fiesco, gentil-homem genovês, a S. Domingos, a pedir socorro. Foram 4 dias de penosa viagem, até alcançarem S. Domingos, cada um deles em sua canoa, com 10 índios. Calor abrasador, sede que obrigou a beber água salgada e matou índios, fomes e doenças, perdidos entre céu e mar, cuja leve alteração os afogaria, foi o que não faltou aos destemidos navegadores <sup>(89)</sup>. Sete meses depois manda Ovando saber o que se passava e só a 28 de Junho de 1504 Colombo, achacado, doente de gota, o levam com sua gente, à ilha Espanhola. A 7 de Novembro regressa a Espanha, por S. Lúcar de Barrameda.

<sup>(88)</sup> Hernando Colón — *Historia del Almirante*. Edición de Luis Arranz, p. 288.

<sup>(89)</sup> Hernando Colón — *op. cit.*, pp. 340-343.



Os dois últimos anos de vida de Colombo foram de grande sofrimento físico e moral. Retiraram-lhe o governo das Índias, não lhe pagavam rendas e nem os salários dos marinheiros que consigo levava na 4.ª viagem e a tantos trabalhos expusera. «...yo torné a escribir a Sus Altezas suplicándoles que mandasen a prober de la paga d'esta gente que fueron conmigo, porque son pobres y anda en tres años que desaron sus casas... Ellos han pasado infinitos perigos», escreve em carta de 21 de Novembro de 1504 ao filho Diogo <sup>(90)</sup>. Seu estado era de extrema pobreza: carregado de dívidas e vivendo de empréstimos.

Estando a Corte em Valladolid, por 1504, pôs alguma esperança em ser recebido por D. Fernando; já não podia contar com a Rainha sua protectora, falecida em 26/11/1504; viagem, porém, difícil de Sevilha, onde residia, por seu grave estado de saúde. Tolhido de gota, só de andas lá podia ir; foram-lhe estas emprestadas pelo cabido da catedral de Sevilha, as que tinham transportado o corpo do Cardeal D. Diego Hurtado de Mendoza <sup>(91)</sup>. Em carta a Diogo de 1 de Dezembro de 1504: «...mi partida era cierta y la esperanza, según la experiencia, de la llegada allá muy al contrario, porque este mi mal es tan malo y el frio tanto conforme a me le faborecer, que non podía errar de quedar en alguna venta. Las andas y todo fue presto 'y' el tiempo tan descomunal, que parecia a todos que fuera imposible a puder salir con lo que comenzaba y que mejor era curarme y procurar por la salud que poner en abentura tan conocida la persona» <sup>(92)</sup>.

Adiada a viagem, sabe-se que, por 1505, pôde ir de Sevilha a Segóvia a pedir a D. Fernando o reconduzisse em suas honras e benefícios. O rei prometeu isso e mais, mas não cumpriu. Já em Valladolid quis ainda falar com D. Fernando, que o não recebeu.

Em desespero de causa escreve a Frei Diego de Deza: «...Y pues se parece que su Alteza no a por bien de cumplir lo que ha prometido por palabra y firma juntamente con la Reina, que aya sancta gloria, creo que combatir sobre el con-

<sup>(90)</sup> C. Colón, *op. cit.*, doc. LXXIII, p. 337.

<sup>(91)</sup> C. Colón, *op. cit.*, nota 6 da p. 339.

<sup>(92)</sup> C. Colón, *op. cit.*, doc. LXXV, p. 339.

trario para mí, que soy un arador, sea aqotar el viento; y que será bien, pues que yo e hecho lo que e podido, que agora dexe hazer a Dios Nuestro Señor. El cual e siempre fallado muy próspero y presto a mis necesidades» <sup>(93)</sup>. Num último apelo recorre, na primavera de 1506, mas sem resultado, aos novos soberanos, Filipe e Joana.

De nada lhe serviram, se chegaram a executar-se, quantos apoios buscou, em defesa de seus direitos, de altas dignidades da Igreja, de principais da Corte, do arcebispo de Toledo, do bispo de Palência, de Freire Gaspar de Gorricio, do contador, do camareiro, do Adiantado. De Américo Vespúcio, por quem manifestava admiração e tinha por amigo e homem de bem, e residia como ele em Sevilha, do mesmo modo mal estimado da Corte, a que fora chamado para assuntos de navegação, esperava que fizesse por ele o que pudesse: «...fablé con Amérigo Vespuchi, portador d'esta, el cual vá allá llamado sobre cosas de nabigación. El sienpre tubo deseú de me hazer prazer, es mucho hombre de bien; la fortuna le ha sido contraria como a otros muchos. Sus trabajos non le han aprovechado tanto como la razón requiere; él va por mío y en mucho deseú de hazer cosa que redonde a mi bien, si a sus manos está...» <sup>(94)</sup>.

Deserdado da fortuna, cercado de inimizades, morria a 20 de Maio de 1506 o grande Almirante do Mar Oceano.

\* \* \*

Com fundamento em autógrafos e apógrafos e vária documentação mais do que em seus biógrafos apontemos alguns traços que psicologicamente o possam definir.

Não cuidamos do retrato físico, de que nada de autêntico nos ficou. De presumir, no entanto, que, dado a amores, duas mulheres em relativamente pouco tempo, e de boa estirpe, sem contar com «senhora» de Gomera, «por la qual *en otro tiempo* nuestro almirante estuvo prendado de amor» e em honra da qual, antes de sair da ilha, na 2.ª viagem, houve «festejos,

<sup>(93)</sup> C. Colón, *op. cit.*, doc. XCI, Fragmento de uma carta a Frey Diego de Deza, p. 358.

<sup>(94)</sup> C. Colón, *op. cit.*, doc. LXXXV, carta a seu filho Diogo, de 5/2/1905, p. 353.



tiros de lombarda y salvas», segundo relato de Miguel de Cuneo que ia na expedição <sup>(95)</sup>, seus modos seriam insinuantes e apreciável sua beleza física. Las Casas, que o faz quase santo e sábio, também nisso o aprimora.

Não lhe omitiremos defeitos, nem lhe reduziremos perfeições, como é o caso de apaixonados defensores e desmedidos detractores.

O nosso cronista Rui de Pina (1440-1522), seu contemporâneo, escreve: «...de sua condicão hũ pouco alevantado e no recontamento de suas cousas excedia sempre os termos da verdade, fez esta cousa em ouro, prata e riquezas muito mayor do que era» <sup>(96)</sup>. Garcia de Resende (1479-1536) copia Pina <sup>(97)</sup>. E João de Barros (1496-1570), cerca de meio século depois, repete, em parte, Rui de Pina e acrescenta: «...homem esperto, eloquente e bom latino e mui glorioso em seus negócios» <sup>(98)</sup>.

A invocação de Deus, sua omnipresença em toda a acção colombina, não nos deixam dúvidas sobre sua profunda religiosidade. Cumpria, rigorosamente, os preceitos da Igreja. Resava as horas canónicas, não saía dos portos aos domingos, cantava com a marinhagem a salve-rainha, tanto para dar graças a Deus em momentos felizes, como para lhe pedir misericórdia. Sentia-se protegido, alumiado do Espírito Santo, eleito para levar a cabo o seu descobrimento. E nesta segura convicção, alcançadas as suas Índias, pôde exclamar, com sabores de heresia: «Nuestro Señor me ha fecho la mayor merçed que después de David El aya fecho a nadi» <sup>(99)</sup>. Todo se entrega nas mãos de Deus, a Ele atribui o bom êxito da empresa, que não à sua inteligência e saber. Não era aos sábios, não, que Deus confiava uma mais alta ciência, mas aos inocentes. Oiçamo-lo em carta aos Reis de 1501, em sua unção religiosa, repassada de profundo lirismo: «O, Señor, que quisiste tener secreto tantas cosas a los sabios y rebelástelas

<sup>(95)</sup> *Cartas de Particulares a Colón e Relações Coetâneas* já citadas, pp. 230-231.

<sup>(96)</sup> *Op. cit.*, p. 184.

<sup>(97)</sup> *Op. cit.*, p. 241.

<sup>(98)</sup> *Op. cit.*, p. 119.

<sup>(99)</sup> C. Colón, *op. cit.*, LXIII, p. 314.

a los inocentes! <sup>(100)</sup> ...yo soy pecador grabísimo. La piedad y misericordia de Nuestro Señor siempre que yo he llamado por ellas me han cobierto todo: consolaçión suabísima he fallado en hechar todo mi cuidado a contemplar su maravilloso conspecto. Ya dise que para la heseçución de la inpresa de las Indias no me aprovechó rasón ni matemática ni mapa-mundos; llenamente se cunplió lo que diso Isaías» <sup>(101)</sup>.

Religiosidade esclarecida de quem bem conhecia as Sagradas Escrituras, as lições dos Santos Padres e obras de teólogos.

Descobrir para converter à fé de Cristo as populações gentias, para obter em suas navegações riquezas que dessem aos soberanos, que fidelissimamente servia, os meios de libertar a Terra Santa das mãos dos infiéis, constituía, segundo mais de uma vez confessa, a causa das causas do seu empreendimento. E aos Reis a transmite, chamando-os ao cumprimento de tão sublime missão. Não vê milagre que se não alcance com a Fé. «Acuérdense Vuestras Altezas, adverte, de los Hevanglios y de tantas promesas que Nuestro Redentor nos fiso, y cuán esprimentado está todo: San Pedro cuando saltó en la mar andovo sobr'ella en cuanto la fee fue firme. Quien toviere tanta fee como un grano de paniso le obedecerán las montañas; quien toviere fee demande, que todo se le dará; pusad e abriros han» <sup>(102)</sup>.

O homem de nenhuma pátria e de todas as pátrias, entregue às mãos de Deus em missão exclusivamente apostólica? Desinteressado dos bens deste mundo? Isso não. Distante o homem puro que Las Casas faz dele. Não lhe é alheia a busca de fortuna, de ouro, de pedras preciosas, de pérolas, de especiarias, que já tinha por achados na sua primeira navegação. Nas capitulações régias de Santa Fé, que consignam privilégios e benefícios, tudo se acautela com excepcional segurança. Aos monarcas anuncia fabulosa abundância, que, evidentemente, não pôde dar, e em que reserva algo para si: «En conclusión, a hablar desto solamente que se ha fecho este viage que fue así de corrida, que pueden ver Sus Altezas que yo les daré

<sup>(100)</sup> Passo de S. Mateus, citado por Colombo.

<sup>(101)</sup> C. Colón, *op. cit.*, XLV, p. 280, Carta aos Reis, de Cadiz ou Sevilha, de 1501.

<sup>(102)</sup> C. Colón, *op. cit.*, XLV, p. 280.



oro cuanto hobieren menester, con muy poquita ayuda que Sus Altezas me darán: agora especería y algodón cuanto Sus Altezas mandaren cargar, y almastiga cuanto mandaren cargar...» (103).

Ouro e especiaria e ouro que mais que tudo se buscava nos empreendimentos das descobertas, C. Colombo fez quanto pôde para o achar, também na mira da parte que lhe competiria, embora em seu discurso a ele se sobreponha o proselitismo cristão. Em sua primeira viagem dão-lhe notícia dele às mãos cheias, e nisso acredita. Nas poucas peças que obtém e em adornos de índios quer ver abundância do precioso metal. Diante de Isabela ouve que aí havia um rei que lhe traria muito ouro (104). Estando na Espanhola, que crê ser a Cipango do Extremo Oriente — o Japão de hoje: «...Cipango estaba en aquella isla y que ay mucho oro...» (105). Projectando regressar em Abril do ano seguinte (1493): «Verdad es que fallando adónde aya oro e especería en cantidad me deterné fasta que yo aya d'ello quanto pudiere, y por esto no fago sino andar para ver de topar en ello...» (106). E num sábado, 22 de Dezembro (1492), saindo da ilha de S. Tomaz: «En amaneciendo dio las velas para ir su camino a buscar las islas que los indios le dezían que tenían mucho oro, y de algunas que tenían más oro que tierra» (107). E acima de todas lhe apontavam a ilha de Baneque, que, por mais que a buscasse a não encontrou: «...adonde, según dicen por señas que la gente d'ella coge el oro con candelas de noche en la playa y después con martillo diz que hazían vergas d'ello...» (108).

E também não cuidou pouco do comércio de escravos. Já na carta de achamento os inclui entre as imensas riquezas que promete aos Reis: «...y esclavos quantos mandaran cargar, e serán de los idólatres». Note-se a prevenção de que se excluem de tal tratamento os índios cristianizados. No passo que a seguir se transcreve se especifica que os

(103) Carlos Sanz — *La Carta de Colón...* Madrid, Graficas Yagues, 1961, p. 11.

(104) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 40, *Diário da 1.ª viagem*.

(105) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 107, *Diário da 1.ª viagem*.

(106) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 40, *Diário da 1.ª viagem*.

(107) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 92, *Diário da 1.ª viagem*.

(108) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 54, *Diário da 1.ª viagem*.

sujeitos a escravização são os canibais, que situa fora do género humano. Em *Memorial* de 30/1/1494 enviado aos soberanos por intermédio de António Torres lê-se: «Item diréis a Sus Altezas qu'el provecho de las almas de los dicho caníbales, e aun d'estos de acá, ha traído en pensamiento que quantos más allá se llevasen sería mejor, e en ello Sus Altetsas podrían ser servidos d'esta manera: que visto cuánto son acá menester los ganados e bestias de trabajo para el sostenimiento de la gente que acá ha de estar, e bien de todas estas islas, Sus Altezas podrán dar liçençia e permiso a un número de carabelas suficiente que vengán acá cada año, e trayan de los dichos ganados e otros mantenimientos e cosas de poblar el campo e aprovechar la tierra, y esto en precios razonables a sus costas de los que les truxieren, las cuales cosas se les podrían pagar en esclavos d'estos caníbales, gente tan fiera e dispuesta e bien proporcionada e de muy bien entendimiento, los cuales quitados de aquella inhumanidad creemos que serán mejores que otros ningunos esclavos, la cual luego perderán que sean fuera de su tierra...» (109).

Apesar da sedução da proposta não foi esta bem aceite pelos monarcas, segundo se conta, que suspenderam sua decisão, aguardando novos esclarecimentos do Almirante (110). Em 25 de Fevereiro de 1495 sai António Torres da Espanhola com 4 navios carregados de escravos, amontoados nos porões, 550 no cômputo de Miguel de Cuneo, que a tudo assistiu, também de regresso a Espanha. Por ele sabemos que logo na viagem morreram 200, chegando os restantes, doentes, a Cadiz (111). Da sorte da desgraçada gente não quiseram decidir os Reis, deixando a grave resolução nas mãos de teólogos e mestres de cânones (112). Acrescente-se que Colombo exigia que dos réditos desta operação lhe fosse entregue a oitava parte, conforme capitulações de Santa Fé.

(109) C. Colón, *op. cit.*, VII, p. 154.

(110) C. Colón, *op. cit.*, VII, p. 154 e nota 6.

(111) *Cartas de Particulares a Colón y Relaciones Coetáneas*, Edición de Juan Gil y Consuelo Varela, pp. 257-258; Juan Gil — *Mytos y Utopias del Descubrimiento*. 1. Colón y su Tiempo, Madrid, Alianza Editorial, 1989, pp. 103-104.

-258; Juan Gil — *Mytos y Utopias del Descubrimiento*. 1. Colón y su Tiempo, Madrid, Alianza Editorial, 1989, pp. 103-104.

(112) Juan Gil, *ibidem*.



Para se fazer ideia da brutalidade com que eram tratados os cativos oçamos Miguel de Cuneo a respeito de episódio de que ele próprio foi protagonista:

«Estando yo en la barca tomé una cambala bellísima, la cual me regaló el Señor Almirante; y teniéndola en mi camarote, al estar desnuda según su usanza, me vino deseo de solazarme con ella; y al querer poner en obra mi deseo, ella, resistiéndose, me arañó de tal modo con sus uñas que yo no hubiese querido entonces haber comenzado; pero visto aquello, para deciros el final, agarré una correa y le di una buena tunda de azotes, de modo que lanzaba gritos inauditos que no podrías creer. Por último, nos pusimos de acuerdo de tal manera que os puedo decir que de hecho parecía amaestrada en la escuela de ramerías» <sup>(113)</sup>. Veja-se que podiam esperar as mulheres índias, cujo comportamento se faz equivaler ao de prostitutas, da sevícia de seus donos.

E o lucrativo tráfico continuou. Em 21 de Outubro de 1496 chegavam a Cadiz sob o comando de Peralonso Niño três navios de escravos e em 10 de Novembro de 1498 trezentas peças deles em cinco caravelas <sup>(114)</sup>.

Em fragmento de carta enviada aos soberanos (Setembro de 1498 – Outubro de 1500) escreve o Almirante: «De acá se pueden, con el nombre de la Sancta Trinidad, enbiar todos los esclavos que se pudieren vender... de los cuales, si la información que yo tengo es cierta, me dicen que se podrán vender cuatro mill que, a poco valer, valdrán veinte cuentos...» <sup>(115)</sup>. As perspectivas eram boas: «...Castilla y Portugal y Aragón y Italia y Cecilia y las islas de Portugal y de Aragón y las Canarias gastan muchos esclavos y creo que de Guinea ya no vengan tantos, y que veniesen, uno d'estos vale por tres, según se vee» <sup>(116)</sup>.

Em vez de ouro, que escasseava e só em porções diminutas para a abundância anunciada chegava à Coroa, esperava o

<sup>(113)</sup> Juan Gil y Consuelo Varela — *Cartas de Particulares a Colón y Relaciones Coetáneas*, p. 242.

Leia-se também Tzvetan Todorov — *La Conquête de l'Amérique*. Paris, Éditions du Seuil, 1982, pp. 53-54.

<sup>(114)</sup> Juan Gil — *Mitos y Utopías...*, p. 155.

<sup>(115)</sup> C. Colón, *op. cit.*, XXVII, p. 243.

<sup>(116)</sup> C. Colón, *op. cit.*, XXVII, p. 243.

Almirante contentar os monarcas com o pingue negócio de escravos. A este ponto vem dizer que Las Casas, que do Almirante afeiçoara um retrato carregado de perfeições, tinha dificuldade em entender «...que un hombre, cierto no puedo decir sino bueno de su naturaleza y de buena intención, estuviese tan ciego en cosa tan clara»; custava-lhe ter de repreendê-lo com severidade pelo desumano tráfico de escravos. E como para aliviá-lo de culpa acusa os letrados, que os Reis tinham junto de si, de não o ajudarem a vencer uma tal cegueira. E, tentando explicá-la ainda um tanto, aduz o mau exemplo dos Portugueses, escrevendo que muitas vezes acreditou «...que aquesta ceguedad y corrupción aprendió el Almirante y se le pegó de la que tuvieron y hoy tienen los portugueses en la negociación, o por verdad decir, execrabilísima tiranía en Guinea» já por si referida <sup>(117)</sup>.

Vejamos agora que nos diz o grande navegador das terras e gentes que ia achando.

Deslumbra-o o exotismo luxuriante da paisagem tropical. São «airosos», «hermosos», «maravillosos», cabos, golfos, portos, planícies, montanhas; «lindas», «clarísimas» as águas de arroios e rios. E como passa mais do que fica, não abundam narrativas de pormenor, o que não quer dizer que os lugares se não individualizem. Uma vez por outra, descrição pitoresca, de um colorido quase romântico. E terras de tanto viço vegetal seriam necessariamente muito produtivas. Alguns passos: Da Ilha Isabela escreve: «...la isla la más hermosa cosa que yo vi, que si las otras son muy hermosas esta es más. Es de muchos árboles y muy verdes y muy grandes, y esta tierra es más alta que las otras islas falladas, y en ella algún(o) altillo, no que se le queda llamar montaña, mas cosa que afermosea lo otro, y parece de muchas aguas. Allá, al medio de la isla, d'esta parte al Nordeste haze una grande angla, y a muchos arboledos y muy espessos y muy grandes. Yo quise ir a surgir en ella para salir a tierra y ver tanta fermosura, mas era el fundo baxo y no podía surgir salvo largo de tierra, y el viento era muy bueno para venir a este cabo, adonde yo surgi agora, al cual puse nombre Cabo Feroso, porque

<sup>(117)</sup> *Op. cit.*, pp. 396-398.



así lo es. Y así no surgi en aquella angla y aun porque vide este cabo de allá tan verde y tan fermoso, así como todas las otras cosas y tierras d'estas islas que yo no sé adónde me vaya primero, ni me se cansan los ojos de ver tan hermosas verduras y tan diversas de las nuestras, y aun creo que a en ellas muchas yervas y muchos árboles que valen mucho en España para tinturas y para medicinas de espejería, mas yo no los cognosco, de que llevo grande pena. Y llegando yo aquí a este cabo (na ilha Ysabela) vino el olor tan bueno y suave de flores o árboles de la tierra, que era la cosa más dulce del mundo» (118). E ainda de Isabela, rodeando as lagoas: «...es el arboledo en maravilla y aquí y en toda la isla son todos verdes y las yervas como en Abril en el Andalucía y el cantar de los paxaritos que parece qu'el hombre nunca se querría partir de aquí, y las manadas de los papagayos que escurecen el sol, y aves e paxaritos de tantas maneras y tan diversas de las nuestras que es maravilla. Y después há árboles de mill maneras y todos (dan) de su manera fruto, y todos güelen qu'es maravilla, que yo soy bien certo que todos son cosa de valía y d'ellos traigo la demuestrá, y asimismo de las yervas (119).

Saído du Cuba entra em um mar de tantas ilhas que as não pôde contar: «Pusoles nombre la mar de Nuestra Señora. Dize tantas e tales cosas de la fertilidad y hermosura y altura d'estas islas que halló en este puerto, que dize a los Reys que no se maravillen de encareçellas tanto, porque les çertifica que cree que no dize la çentesima parte...» (120). De um porto da Ilha de S. Tomás: «Este puerto es hermosissimo e que cabrían en el quantas naos ay en cristianos... ninguno se le iguala de quantos aya jamás visto, y escúsase diziendo que a loado los pasados tanto que no sabe como lo encarecer, y teme que sea juzgado por manificador excessivo más de lo que es la verdad» (121). E no plano inclinado por que se lança no apreço pela beleza e grandiosidade do mundo físico atreve-se a dizer: «Y çertifico a Vuestras Altezas que debaxo del sol no me parece que las pueda aver mejores en fertilidad, en

(118) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 40, *Diário da 1.ª viagem*.

(119) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 41, *Diário da 1.ª viagem*.

(120) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 58, *Diário da 1.ª viagem*.

(121) C. Colón, *op. cit.*, II, pp. 88-89, *Diário da 1.ª viagem*.

temperancia de frio e de calor, en abundancia de aguas buenas y sanas...». E no relato de Las Casas, que organizou e em parte redigiu este diário da primeira viagem; «...iva diziendo a los hombres, que llevaba en su compañía, que para hazer relación a los Reys de las costas que vían, no bastaran mill lenguas a referillo ni su mano para lo escrevir, que le parecia qu'estava encantado» (122). E dado que o *paraíso terrestre* ficava no «fim do Oriente», onde ele se supunha estar, que muito que conluisse que o tinha à mão? Foram palavras suas: «...bien dixerón los sacros theólogos y los sabios philósofos que el Paraíso Terrenal esta en el fin de Oriente, porque es lugar temperadíssimo. Así que aquellas tierras que agora él avía descubiertó, es —dize él— el fin del Oriente» (123). E em Agosto de 1498, na sua 3.ª viagem, entrando no golfo de Parea, nordeste da Venezuela, tem-no por fonte do buscado Paraíso (124).

Sem reduzir o esplendor do cenário tropical e não esquecendo a confessada sinceridade de Colombo, descontem-se-lhe os desmedidos exageros: «...no recontamento de suas cousas excedia sempre os termos da verdade...», escreve, como referimos, o contemporâneo Rui de Pina; se nem sempre, com alguma frequência.

E as populações, como as viu? «gente formosa», «de muito bom parecer», «linda estatura», «altos de corpos», «lindos corpos de mulheres», «cabelos compridos e lisos, corredios», «de muito lindos gestos», «nem negros como em Guiné», antes «brancos», uns mais, outros menos, e algumas moças «tão brancas como podiam ser em Espanha». Andavam todos nus, homens e mulheres, «así como sus madres los paren»; só «algumas mulheres cobriam um só lugar com uma folha de erva ou uma coisa de algodão, que para isso fazem». Sete anos mais tarde Caminha vai-nos dizer quase o mesmo de seus ameríndios. De uma nudez que não afectava as boas qualidades de espírito.

Aqui se denuncia o etnocentrismo europeu e sem disfarce, a falsa ideia da superioridade das raças brancas. Quanto mais

(122) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 67, *Diário da 1.ª viagem*.

(123) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 132, *Diário da 1.ª viagem*.

(124) Hernando Colón, *op. cit.*, nota 140 de Luís Arranz.



brancos mais bem dotados física e até espiritualmente. E com a cor negra os cabelos encrespados em confronto com os lisos, corredios dos ocidentais. Chegou a pensar-se que os indígenas não tinham alma, a duvidar-se de se poderiam chamar-se homens; quis o papa acabar com essa torpe discriminação publicando uma bula em que definitivamente a Igreja proclamou que os indígenas eram «gente racional» <sup>(125)</sup>. Este conceito etnocêntrico não se extinguiu de todo. Nos princípios deste século cientistas houve que defenderam a superioridade da raça branca; os povos de cor deviam utilizar-se como instrumentos de trabalho forçado ou escravo. E o anátetma não saíu ainda do espírito de povos ditos civilizados. Entre nós, primeiro os Mouros — Quem matar seu mouro, perde seu ouro; Trabalhar como um mouro, Quem não tem padrinho morre mouro — depois negros, bestas de trabalho ao serviço da ganância europeia, sob escravidão ou sujeição. E nem a cor parda se exime a desprezo, a má vontade. O mal, acredito, tem alguma cura; produziria bons frutos uma campanha educacional sadia e bem orientada.

Mas tornemos ao nosso Almirante. Também ele se não libertou da crença de que existiam homens monstruosos fora do espaço europeu, que da antiguidade se continuou na Idade Média. Aceitou que nas ilhas a descobrir havia uma com homens com rabo e outra de gente sem cabelo. E há-de dizer-se que modernidade, o mundo de uma ampliada experiência do real, do *vi claramente visto* que os Descobrimientos proporcionavam, não podia eliminar, jamais poderá eliminar uma outra substância do ser, a que impropriamente chamamos irracionalidade ou superstição, também esta fundada em razão, só que partindo de premissas aparentemente falsas. Reduzir o homem à unidade, sem dúvida, mas uma unidade feita de diversidade. E Colombo, embora divisando novos espectáculos da natureza, em que a ecúmena mais se alargava, vivia, no tempo, ainda encostado à Idade Média.

Que retrato moral nos esboça destas populações? «Gente boa e mansa», «de amor e sem cobiça», «de bom coração», pressurosa no servir, como se fosse servida, «a melhor gente

<sup>(125)</sup> Michael Haberlandt — *Etnografia*, Barcelona, Buenos Aires, Editorial Labor, 1926, p. 16.

do mundo». Ora vejamos que aconteceu em uma sexta-feira, 21 de Dezembro, diante da Ilha de S. Tomás: «Entonces se allegaron más a la mar y el Almirante más a tierra y, despues que del todo perdieron el miedo, venían tantos que cobrían la tierra, dando mill gracias, así hombres como mugeres y niños; los unos corrían de acá y los otros de allá a nos traer pan que hazen de niames, a qu'ellos llaman ajos qu'es muy blanco y bueno, y nos traían agua en calabazas y en cántaros de barro de la hechura de los de Castilla, y nos traían cuanto en el mundo tenían y sabían qu'el Almirante quería y todo con un corazón tan largo y tan contento que era maravilla... (e as mulheres eram) las primeras que venían a dar gracias ao cielo y traer cuanto tenían, en espeçial cosas de comer, pan de ajos y gongça avellanada y de cinco o seis maneras frutas» <sup>(126)</sup>. E na Ilha Espanhola, diz o Almirante: «...son gente de amor y sin cudiçia y convenibles para toda cosa, que certifico a Vuestras Altezas que en el mundo creo que no ay mejor gente ni mejor tierra. Ellos aman a sus proximos como a sí mismos, y tienen una habla la más dulce del mundo, y mansa y siempre con risa. Ellos andan desnudos, hombres y mugeres, como sus madres los parieron, mas crean Vuestras Altezas que entre sí tienen costumbres muy buenas, y el rey muy maravilloso estado, de una cierta manera tan continente qu'es plazer de verlo todo, y la memoria que tienen, y todo quieren ver, y preguntan qué es y para qué» <sup>(127)</sup>.

Homens naturalmente bons, em sua primitiva pureza, vivendo em uma como Idade de Ouro, em que muito acreditaram os Antigos, que era necessário retirar desse estado de inocência para os conduzir às virtudes de uma consciência cristã, para sua salvação. E isso parecia fácil por se supor que não tinham religião alguma. Muitas vezes, escreve Colombo, levantavam os olhos para o céu e para os mareantes, como quem queria dizer, no entendimento destes, que vinham do céu. E o Almirante apela para o zelo católico dos soberanos: «...Y así espero en Nuestro Señor que Vuestras Altezas se determinarán a ello con mucha diligencia para tornar a la

<sup>(126)</sup> C. Colón, *op. cit.*, II, p. 90, *Diário da 1.ª viagem*.

<sup>(127)</sup> *Ibidem*, p. 98.



Iglesia tan grandes pueblos, y los convertirán...» (128), así como an destruido aquellos que no quisieron confessar el Padre y el Hijo y el Espíritu Sancto...» (129). Mas este proselitismo andava de mãos dadas com o mais vil interesse: «Los indios d'esta isla Española eran y son... la riqueza d'ella, porque ellos son los que cavan y labran el pan y las otras bituallas a los christianos y les sacan el oro de las minas y fazen todos los otros officios e obras de hombres y de bestias de acarreo...» (130). «...Y así son buenos para les mandar y les hazer trabajar y sembrar y hazer todo lo otro que fuere menester, y que hagan villas y se enseñen a andar vestidos y a nuestras costumbres» (131).

Índio que furtasse alguma coisa sofria crudelíssima punição: «...si allardes que alguno d'ellos furten, castigaldos también cortándoles las narizes y las orejas, porque son miembros que non podrán esconder, porque con esto se asegurará el rescate de la gente de toda la isla, dándoles a entender que esto que se hizo a los otros indios fue por el furto que hizo y que a los buenos los mandarán tratar muy bien y a los malos que los castigue» (132). Aqui se exhibe a crueldade aceite de costumes que da Idade Média se prolonga até tarde e de que dão abundantes exemplos nossos *costumes e Foros* medievais.

\* \* \*

Colombo crê-se nas Índias, quando descobre as Antilhas, que situa no Extremo Oriente, a ocidente das quais punha a terra firme da Ásia Oriental. Buscava a grande ilha de Cipango — o Japão actual — do império do Grã Can, que Marco Polo descrevia, como habitada de gente branca e bem proporcionada, com oiro sem fim, por pouco virem a ela, pela grande distância que a separava do bloco continental.

Costeando, na 1.<sup>a</sup> viagem, a ilha de Cuba supôs-se em terra firme da Índia, mas como alguma dúvida lhe ficasse

(128) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 54, *Diário da 1.<sup>a</sup> viagem*.

(129) *Ibidem*.

(130) C. Colón, *op. cit.*, XC, p. 358.

(131) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 84, *Diário da 1.<sup>a</sup> viagem*.

(132) C. Colón, *op. cit.*, VIII, p. 163, Instrucción a Mosen Pedro Margarite, 9/4/1494.

tornou a Cuba, na 2.<sup>a</sup> viagem, tendo percorrido ao longo da costa mais de 335 léguas. Teve de regressar a Isabela, de onde tinha saído com três caravelas, por lhe ter adoecido a marinhagem e estarem aquelas em mau estado. O grande esforço percorrido parecia-lhe bastante para lhe reforçar a convicção de que alcançara o continente asiático. Não o puderam tirar definitivamente de dúvida as populações ribeirinhas, de viver «primitivo», que tem por ignorantes e deseducadas, distantes do viver luxuoso, oriental das gentes das Índias, o que explicava por seu isolamento. Receando que o acusassem de não ter ido mais longe na navegação, cuidou de juntar, em apoio de seu parecer, declaração-juramento de todos os mareantes com ele coincidente. Foram, assim, forçados a jurar, cada um por sua vez, que a costa percorrida era de terra firme, sob pena de que, se depois negassem o jurado, teriam de pagar 10 000 maravedís e lhes seria cortada a língua, a que acrescia o castigo de 100 açoites para grumetes e pessoal menos qualificado: «...y les puse (o escrivão público de Isabela) pena de dies mil maravedís por cada vez que lo que dixere cada uno que después en ningún tiempo el contrario dixese de lo que agora diría, e cortada la lengua; e si fuere grumete o persona de tal suerte que le daría ciento açotes y le cortaria la lengua» (133). Outro esperado destino era a cidade de Quisay, nome dado por Marco Polo a Kin See, onde encontraria o Grã Can, para o qual trazia cartas de Fernando e Isabel. Na 4.<sup>a</sup> e última viagem, perto de Jamaica, supôs-se na região de Ciamba, na Cochinchina, referida pelo veneziano (134).

Custa a crer que depois de quatro navegações se mantivesse na crença de que andava pelas Índias. Nem o primitivismo das populações, nem a sua cor, que não sendo negra não era branca como a de Marco Polo, nem riquezas que não vira se conformavam com a lição do veneziano. E, sobre isso, como é que, estanceando por Espanha, nela lidando com viajantes e descobridores e nela falecendo em 1506, não o ajudou a corrigir seu erro o descobrimento dos Portugueses? E cito a Américo Vespúcio, amigo e vizinho com ele de Sevilha,

(133) «Informe y juramento de como Cuba era tierra firme», in *Cartas de Particulares a Colón y Relaciones Coetáneas*, pp. 216-223.

(134) C. Colón, *op. cit.*, II, p. 42; XXX, p. 245; LXVI, p. 318; *Le Livre de Marco Polo...* Paris, Ed. Albin Michel, 1955, pp. 239, 245.



que bem conhecia as navegações portuguesas. Esta justificada dúvida também a levanta Gago Coutinho: «E, embora Colombo afirmasse que elas (as terras no Atlântico Ocidental) eram Ásia, não está absolutamente provado que ele o acreditasse — exactamente como o não acreditavam os mareantes portugueses...»<sup>(135)</sup>. E do mesmo modo, ultimamente, Luís de Albuquerque, admitindo que Colombo não estaria «convencido de ter atingido a Ásia»<sup>(136)</sup>. Mais uma perplexidade a juntar a outras na vida do famoso Almirante. E devo acrescentar que nem todos, em seu tempo, acreditaram que tivesse descoberto as Índias. Cito o Dr. Francisco de Cisneros, Pedro Mártir, capelão da rainha Isabel e cronista régio, o arcediogo Rodrigo de Santaella e o Prof. Francisco Núñez la la Yerba<sup>(137)</sup>.

Em resumo e concluindo:

Genovês de origem, cedo se meteu na vida do mar, percorrendo o Mediterrâneo em todas as direcções. Com uns 25 anos temo-lo em Portugal, agente comercial da casa genovesa dos Centurione. Ocupava-se em compras de açúcar na Madeira. Não cessou, porém sua actividade marítima. Percorria com os portugueses a Costa Ocidental de África, tendo estado mais de uma vez na fortaleza de S. Jorge da Mina. Saía de um mar interior para o largo oceano e nele aprendera a navegar com os Portugueses. Buscavam estes chegar à Índia, contornando a África, e o que ia ouvindo de gente da Madeira e dos Açores acerca da existência de terras, de ilhas a Ocidente e mais o que com estes vestígios coincidia e lia nos Antigos e ainda a lição de Pedro de Alíaco e a de Toscanelli, que asseverava que as Índias se podiam alcançar viajando de Oriente para Ocidente, levaram-no a conceber o seu plano de descoberta. Em suma, seu sonho da Índia terá, provavelmente, nascido em Portugal.

<sup>(135)</sup> *A Náutica dos Descobrimentos*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1969, vol. I, p. 318.

<sup>(136)</sup> *Dúvidas e Certezas na História dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa, Edições Vega, 1990, 2.ª edição, p. 105.

<sup>(137)</sup> Ver Juan Gil — *Mitos y Utopías del Descubrimiento. 1. Colón y su Tiempo*, pp. 73, 81, 83, 147.

Casa em 1479, com Filipa Moniz e sua sogra põe-lhe nas mãos escritos e cartas de marear do falecido Bartolomeu Perestrelo, com o que se aumentava sua ciência náutica.

Por volta de 1484 apresenta o projecto a D. João II. O monarca rejeita-o, ouvidos seus cosmógrafos. Sai para Espanha na esperança de o ver aprovado pelos Reis Católicos. E se 14 anos não chegaram, como diz, para convencer D. João II também só ao cabo de 7 anos a rainha Isabel lhe abriu as portas da navegação.

Já sumariámos o que de mais saliente aconteceu em suas quatro viagens.

Em 20 de Maio de 1506 morre em Valladolid, demitido de todos os cargos, sem rendas, carregado de dívidas, vivendo de empréstimos e até por pagar o soldo de sua marinagem. Falecera a Rainha, sua protectora, não cumpriu suas promessas o rei Fernando, foi vão um último apelo aos novos monarcas Filipe e Joana, e nem tiveram valimento, se os houve, empenhos de altas dignidades do Reino.

Homem de grande Fé, e outro não conheço que mais a tenha apregoado. Deus sempre presente em tudo, micericordioso, e tanto em situações de angústia, como nas horas felizes. Em sua prodigiosa acção, que não conheceu descanso, viagem após viagem, se a cobiça de Fortuna o não desampara, é a Deus que encomenda seus passos e todo o descobrimento a Ele se entrega para conversão dos gentios, para final libertação da Casa Santa. E sabe que Deus o quer, que para tudo o predestinou. E não é outra a missão que espera cumpram Fernando e Isabel, que fidelissimamente serve e reverencia.

Às terras que vai descobrindo empresta um toque de sensibilidade poética. E as gentes também as vê muito formosas, e nisso se não enganavam seus olhos; e com pureza e imaginada bondade natural, que aprendera da lenda de uma idade de ouro, perdida pelo mundo tido por civilizado e ainda vivida no primitivismo inocente de populações exóticas. Mas, apesar de tudo, fora do grémio da Igreja, do caminho da salvação, a que era necessário e urgente conduzi-las. Simples mas por civilizar e logo selvagens; daí que se pudessem escravizar, sem pesado constrangimento, enquanto se não convertessem e até, se a isso resistissem, castigar com cruel severidade. Paciente, astuto, calculadamente moderado no agir,



simulando, dissimulando, contempORIZANDO, como convinha aos incidentes da descoberta, imaginoso, eloquente com raro poder de persuasão: de que argumentos terá usado para convencer os frades de Arrábida e os soberanos a abrirem-lhe o caminho das suas «Índias»? Tenaz, se não obstinado em seus propósitos, e a tal ponto que pude ouvir uma vez a Agostinho da Silva, com a profundidade do seu saber e a fina e pura ironia de seu alto espírito, que criara Deus as Antilhas para que Colombo as descobrisse.

O Colombo com quem nos é dado conviver em seus últimos anos é um Colombo velho e novo, diremos talvez em contrição. De ambicioso, arrogante, gabarola até à mentira, que se tem por eleito de Deus para cumprir sua vontade, um Colombo abatido, bondoso, humilde. Se esquecera um tanto o filho ilegítimo, o irmão Diogo, escreve, agora, a seu morgado, que por eles olhe, por Fernando, ainda jovem e de boa índole, pelo irmão, que sempre lhe fora obediente e nenhuma amizade superava a de irmãos. E, com os bens, mais imaginados que reais, quer que se paguem dívidas, se reconheçam serviços, se socorram pobres, parentes necessitados, pedindo ao filho que a todos trate bem, que todos são povo de Deus.

Esta a visão que nos ficou do destemido e grande navegador, que, apesar de ter dado a Espanha, ao mundo, um *Mundo Novo*, e, quando o Verbo Divino em actos se cumpria, se viu ao desamparo, acabando seus dias na mais vil e humilhante condição.



Colombo olhando o mar (Huelva), da escultora norteamericana G. V. Whitney.



### 3. CARTA A LUÍS DE SANTÁNGEL

Lê-se no último período: «Fecha en la calavera sobre las islas de canaria a XV de febrero año mil CCCCLXXXIII». «...islas de canaria», como quem diz Gran Canaria, ora o *Diário de Bordo* conta-nos que no dia 15 de Fevereiro a armada avistava uma ilha, que logo no outro dia se viu que era a ilha açoreana de Santa Maria; «canaria» por Santa Maria dever-se-á a má leitura do impressor. Em um domingo, 24 de Fevereiro, deixou Colombo o mar dos Açores a caminho de Castela. A 27 de Fevereiro abateu-se sobre a frota violenta tempestade que não queria amainar. Colombo viu-se obrigado a entrar no porto de Lisboa, fundeando no Restelo a 4 de Março. A 13 saía do Restelo para a barra de Saltes, em Palos de la Frontera.

Na «anima» ou *postscriptum* da *Carta* escreve-se que foi esta enviada a Luís de Santángel, valenciano de rica família judaica de origem aragonesa, escrivão de ração dos Reis Católicos, cargo da Casa Real de Aragão, equivalente ao de contador-mor da Coroa de Castela e que enviou outra aos Reis Católicos; na estância XXIII da versão italiana do poeta Giuliano di Dominico Dati (15 de Junho de 1493) e em sua tradução espanhola publicada na revista *Casas de las Américas*, n.º 130:

... ..  
Como esta carta magna al rey de España  
Escrita por Cristóbal desentraña <sup>(138)</sup>

Outro destinatário da *Carta*, em tradução latina do clérigo aragonês Leander de Cosco, impressa em Roma em 1493, cujo

<sup>(138)</sup> C. Sanz, *op. cit.*, nota 40, p. 14; Francisco Morales Padrón, *Primeras Cartas sobre America*, Universidad de Sevilla, 1990, p. 91.



texto «...casi se identifica con el original castellano», foi Gabriel Sanchez (em algumas edições vem Rafael), «filho de um judeu aragonês converso, que foi tesoureiro geral do Reino» (139).

Não se conhece o original da *Carta*, pela primeira vez impressa em castelhano, começos de Abril de 1493, saída da oficina de P. Posa, de Barcelona. A matriz encontra-se no Arquivo Geral de Simancas, Estado, leg. 1-2.<sup>a</sup> (cópia coetânea) e na New York Public Library.

Além desta edição em castelhano a carta conheceu, neste mesmo ano de 1493, mais 11: em tradução latina, três em Roma, uma em Amberes, uma em Basileia, três em Paris; em italiano e versificada em oitava rima, a citada de Giuliano Dati, três edições, uma em Roma, duas em Florença. De 1494 ainda uma versão latina de Basileia. De 1495 há duas impressões em italiano; em 1497, uma tradução alemã; em 1497, uma 2.<sup>a</sup> edição em castelhano. Ao todo 17 edições entre 1493 e 1947 (140). Largamente difundida na Europa, não sabemos que ressonância teve entre nós e Carlos Sanz adverte de que «...el famoso documento no solo pasó inadvertido a los historiadores, cronistas y bibliografos españoles de la época, sino que no dejó traza alguna de su influencia» (141), o que se não entende, dada a importância de tão grande descoberta. Sanz em seu desmedido entusiasmo escreve: «...venerable e histórico documento... príncipe de todos los noticiarios aparecidos en lengua española, y que por añadidura dió la noticia más sensacional que el hombre recibiera después de la palabra de Dios» (142).

A tradução que apresentamos é literal, na preocupação de fidelidade a um texto a que não faltam erros de composição, linhas apagadas, aparentes solecismos. A tradução livre levar-nos-ia, em nosso entender, a maiores incorrecções. Ao Professor Ivo de Castro agradeço o ter-me tirado de algumas hesitações.

(139) Carlos Sanz, *ibidem*.

(140) Carlos Sanz, *op. cit.*, p. 7.

(141) *El Gran Secreto de la Carta de Colón*, p. 210. Citação de Banha de Andrade em *Mundos Novos do Mundo*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972, p. 210.

(142) *Op. cit.*, p. 14.

Texto impresso em Barcelona em começos de Abril de 1493

**S**E ADIR por que se que aurtis plazer de la grana vitoria que nuestro señor me ba dado en mi viaie vos escrivo esta por la qñ sabreys como enuente dias pafe a las idias de la annada q los illustrissimos Rey e Reyna nros señores me dieron oódyo falle muy muchas yslas pobladas q gente sin numero : y de las todas se tomado posesion por sus altezas con pregon y uoçera rreal estendida y non meña e cõtra dicho Ala primera q yo falle puse nonbre sant saluador a comenioracion de su alta magest tat el qual marañillosañique todo esto anoado los idios la llaman guanabani Ala segunda puse nonbre la isla de santa maria de concepcion ala tercera ferrandina ala quarta la isla bella ala quinta la ysla Juana e asi a cada vna nonbre nuevo Quando yo llegue ala Juana seg ui io la costa della q' poniente y la falle tan grande q pense que setia tierra firme la pronicia de catayo y como no falle asi villas y luguares eala costa de la mar saluo pequeñas poblaciones con lagente de las çules nopodia hauey fabla por que luego fuzan todos andaua yo a de lante por el dicho cammo pesão de uero errar grãdes Ciudades o villas y al cabo de muchas leguas visto q no hauiã inouaciõ que la costa me leuana alscetron de adõde mi voluntad era cõtraria porq' el yuerno era ya çcarnado yo tenia proposito de hazer del al austro y tan biẽ el vieto medio a delate determine uero aguardar otro tiẽpo y bolui atras fasta un señalado p' rret to de adõde ebie dos hõbres por la tierra para saber si hauiã Rey o grãdes Ciudades adouie ezo tres jornadas y ballarõ infinitas poblaciões pequeñas i gẽte si nu uero mas no cosa de leg timeto por lo qual sebolnierõ yo entedia barto de otros idios q ia tenia tomados como cõtri nuamete esta tierra era ysla e asi segui la costa della al oriẽte ciento i siete leguas fasta dõde fa zia fin: del qual cabo vi otra ysla al onete disticta de esta diez o ocho leguas ala qual luego p' se nombre la spañola y fui alli y segui la parte del scetron asi como dela mana al oriente: elxxviii grãdes leguas por linea recta del onete asi como dela inana la qual y todas las otras sã fortissimas en demasido grao y esta cõstruccion en ella ay muchos puertos eala costa de la mar si cõparaciõ de otros q yo sepa en cristianos y fartos rrios y buenos y grandes q es mara villa las tierras della sã altas y e ella muy muchas sierras y mõtañas altissimas si cõparaciõ de la isla de çete fre: todas f. rnosissimas de mil feburas y todas adabiles y llenas de arboles de mil maneras i altas i parecen q llegã al cielo i tẽgo por dicho q tãmas piero de la foia segun lo puede cõphẽder q los vi tã uerdes i tã ber. nosos como sã por mayo en spaña i ocellos stauã flor rrios de ellos cõ fruto i de ellos en otro terminio segũ es su calidad i çcarna el rui suõz i otros pa rarios de mil maneras en el mes de nouiẽbre por alli dõde io adaua ay palmas de seis ode ocho maneras q es admiracion uelãz por la diformidad femosa de las mas as como los o otros arboles y frutos e iernas en ella ay pinares amaranilla eay caupñias grãvissimas eay miel el i de muchas maneras de aues y çantas muy diuersas e las tuças ay muchas minas de metales eay gẽte istimabile numero La spañola es marauilla la sierras y las mõtañas y las uegas y las campiñas y las tierras tan femosas y gruesas para plantar y çebiar pacuar ganados de to das suertes para beoficios de villas e lugares los puertos de la mar aqui no hauiã çcarnia su uista y de los rrios muchos y grandes y buenas aguas los mas de los quales trae oro e los arbo les y frutos e yezuas ay grandes diferencias de aquel las de la mana en esta ay muchos si çie rrias y grandes minas de oro y de otros metales. Lagente de esta ysla y de todas las otras q be fallado y banido: ni aya banido noticia ayvan todos escurados hõbres y mugeres asi como sus madres los parẽ haun que algunas mugeres se cobian un solo lugar eõ vna foia de yer ua: o vna cosa de algõdõ quepa ello fazen ellos no tienen fierro ni azezo ni. annas ni so nullo no por que no sea gente bien dif. nestã y de femosa estatura saluo que sã muy te amaranilla no tienen otras annas saluo las ç as de las cañas quando est. cõla firmenõ eay el ponen al cabo un pa lillo agudo eno çuan vfar de açyllas que me. vezes m. cõ. o embiar antra dos orres bombres alguna villa pa hauey fabl. . .



si munto y despues q los veyã llegar fuyan a no aguardar padre q hijo y esto no por que a ni  
gmo se aya hecho mal antes a todo cabo adõde yo aya estado y podido bauer fable les heva  
do de todo lo que tenia así paño como otras cosas muchas si recibir por ello cosa alguna mas  
sõ así temerosos sin remedio: verdad es que despues que aseguran y pieroẽ este miedo ellos son  
tanto si engañoy tan liberales dello q tiene que no lo creeran sino el q lo viese: ellos de cosa que  
tegan pidiendo gela i mas dixẽ deno antes comudan lapsõna cõ elloy muestran tãto amor que  
varian los corazones y quierẽ sea cosa deualoz quien sea de poco precio luego por qual que  
ra cosa de qual quiera manera que sea q se le depozello seã cõtentos: yo defendi q no seles de  
sen cosas tan siueles como pedazos de escudillas rotas y pedazos de vidrio roto y cabos de agu  
getas: haũ que quãdo ellos esto podã llegar los parecia bauer lameior ioyã del mudo. que  
se acerto bauer vn maruero por vna agugeta de oro de peso de dos castellanos y medio: y otros  
de otras cosas q muy muis valã mucho mas ya por blãcas nueuas dauan por ellas todo  
quanto tenían haũ que fusẽ dos ni tres castellanos de oro o vna arzona o dos de algodonõ fila  
do fasta los pedazos de los arcos rotos de las pipas tomauan y dauan lo q tenían como bestia  
as así que me parecia mal: yo lo defendi y daua yo gracias mil cosas buenas q yo leuaua por  
que tomen amor y allõda desto se farã cristianos que seclinan al amor e seruicio de sus altezas  
y de toda la nació castellana: e procura de auisar de nos dar de las cosas que tenẽ en abundã  
cia que nos sõ necessarias y no conocian ninguna seta ni idolatria salvo que todos creen q las  
fuerças y elbiẽ es en el cielo y creian muy firme que yo cõstos nauios y gente venia del cielo y entã  
catamiento me recibian en todo cabo despues de bauer podido el mudo y esto no procede por q  
sean ignorantes salvo de muy sotil ingenio y õbres que nanegan todas aquellas mares que es  
marauilla la buena cuenta que ellos dan de todo salvo por que nunca viedõ gẽte vestida ni semeian  
tes nãnos y luego que lege alas idias de la primera isla q hallẽ tome pforza algunos de los pa  
ra que se predicsen y me diẽse nona de lo que ama en aquellas partes así fue que luego etendiõ  
y nos aellos quando por lengua o ñas: y estos han aprouechado mucho oy en dia los traigo  
q siempre estã de proposito q vego del cielo por mucha cõuersaçiõ q ayã hanido cõmigo y estos  
eran los primeros aprouençiarlo adonde yo llegaua y los otros andauan comendo de casa e  
casa: y alas villas cercanas cõ bozes altas venit: venit auer lagente del cielo así todos õbres  
como mugeres despues de bauer el coraçõ seguro de nos venit q nõ cadana grande ni pequeño  
y todos traxan algu de comer y de beber quedauan cõ vn amor marauilloso ellos tenẽ todas  
las yslas muy muchas como as amanera de fustes de rreino de las maiores de las menores y al  
gunas y muchas sõ mayores que hãa fasta diez cocho bãcos: no sõ tan anchas porque sõ  
de bũ solo madero mas buna fasta moderna cõ ellas al rreino porque van queno es cosa de cre  
er y cõ estas nanegan todas aquellas islas q sõ innumerables: y tratẽ sus mercadurias: algunas  
de estas canoas he visto cõ lxx y lxxx õbres en ella y cada vno cõ su rreino en todas estas islas no  
vide mucha diuersidad de la fechora de la gente ni en las costumbres ni en la lengua: salvo que  
todos se entienden q es cosa muy singular para lo que eipero q determinaran sus altezas para la  
cõuersaçiõ de ellos de nuestra santa fe ala qual sõ muy dispuestos: ya dixẽ como yo bõuaua nõ dãdo  
e. vii leguas por la costa de la mar por la derecha liña de sidẽte a oriente por la isla iuana segũ el  
qual camino puedo desir que esta isla es maior que inglaterra y escocia juntas por que allõde de  
tas e vii. leguas me quedo de la parte de poniente dos promissas que yo no he oido: la vna de  
las õles llaman auau: adõde nasc lagente cõ cola las õles prouissas no pueden tener en õguna  
menos de l. o lxx leguas segun puede entender de estos rreinos que yo traigo los õles saben todo  
las yslas esta otra espaõla en el cerco tiene mas que la espaõna toda de ñe colãnya por costa de  
mar fasta la ñte rreina en uiscaya pues en vna quadra adõde dxxxviii grandes leguas por rec  
ta l. de occident a oriente esta es para desear: e v. es para nũca desear en la qual puede  
naa tenga tome a possessiõ por sus altezas y todas sean mas abastadas de lo que rreio  
y todas las tengo por sus altezas que dellas me traigo: segun yo he visto

se y puebo desir y todas las tengo por de sus altezas qual dellas pueden disponer como y tãto  
plu amete como de los rreinos de castilla en esta espaõla en ellugar mas cõuenible pmeior  
cõmarca para las minas del oro y de todo trato así de la tierra firme de aqua como de a quella  
de alla del gran can adõde haura grand tãto e ganancia de tomado possessiõ de vna villa gran  
de ala qual puse nõbre la villa de nauidad: y eu ella he fecho fuerza y fortaleza que ya en estas ho  
zas estara del todo acabada y bõuerado en ella gente que abasta para semeiante fecho cõ armas  
y arrellanas e vitualas por mas de vn año y fusta y maestros de daq en todas artes para fazer  
otras y grande amistad cõ el Rey de aquella tierra en tanto grado que me parecia de me llamar y  
etener por hermano e haũ que le mudase la volũtad a bõfender esta gẽte el mios suos no sabẽ  
que sean armis y andan desnudos como ya he dicho sõ los mas temerosos que ay en el mudo  
aliquel solamente la gente que alla queda es para destruir toda aquella tierra y es ysla si peligrõ  
de sus personas sabido de feregr en todas estas islas me parece que todos los õbres sean cõtẽ  
xps cõ vna muger i alu maioral el Rey van fasta: veinte: las mugeres me parece que trabaja  
mas que los õbres ni bõ podido en tender si tienen bienes propios que me parecia ver q a q llo  
que vno tenia todos hazian parte en especial de las cosas comedias en estas islas fasta aqui  
no he hallado õbres mostrados cõmo muchos peñaban mas antes estã gẽte de muy lindo  
acatamiento ni sõ negros como e guinea salvo cõ sus caballos: corredios y profecian adõde ay  
i peto de malhado de los rayos solares es verdad que se la que q lli grand fuerza puesto que es di  
distinta de la liña i qu noial veinte e seis grãdes en estas islas adõde ay mõtiãas grandes: ay tenia  
a fuerza el firo este rreino: un asello lo sufrin por la costumbre que cõ la ayuda de las viandas  
comen cõ especias machas y muy calientes en demasia: alique mostrados no he hallado mnoti  
cia salvo de vna ysla que es aqui en la segunda ala entrada de las yndias q es poblada de vna  
gente que tenẽ en todas las yslas por muy feroces los qualles comẽ carne humana estos tenẽ  
muchas canoas cõ las quales corren todas las yslas de india robã y toman quanto pueden ellos  
no sõ mas osifoznes: y de los otros salvo q tenẽ en costumbre de traer los cabellos largos com  
omugeres y van arcos y flechas de las mmas armas de canias cõ vn palillo alcabo por desec  
to de fierro q no tenẽ sõ ferros: y en estos otros pñe los me sõ de demasiada grado conardes  
mas yo no los tengo en nada mas que a los otros estos sõ aquellos q trata cõ las mugeres  
de matremomo q es la pñe a ysla partiendo de espaõna para las idias q se falla en la qual no ay  
bõbre ni muger: ellas no vñ exercio fememil salvo arcos y flechas como los sobre dichos de canias  
y canau y cobigan cõ la uue de arambre de que tenẽ mucho otra ysla me aseguran mayor q la  
espaõla en que las psonas no tenẽ ningũ cabello: En esta ay oro si cuento y de las y de las o  
e ras traigo conmigo: idios para testimonio: e cõdufio a fable de esto solamente que sea fecho este  
viage que vñ de coriza que puedẽ de sus altezas q yo les dare oro quanto ouierẽ menester con  
muy poquita ayuda q sus altezas medarã agora ipeciana y algodonõ quãto sus altezas madarã  
cargar y almeuca quãta mandaran cargar: e de la qual fasta oy no se ha fallado salvo en  
cia en la ysla de xio y el señorio la uende como quiere y ligunãlo quãto mandaran cargar y es  
clauos quãtos mandaran cargar e setau: de los yoclares y oro haure fallado muy bano y eue  
la e otras mil cosas de distancia fallare que han yã fallado la gẽte que yo alla dexo porque yo  
no me detengo ni qũ cabo en quãto el uento me aia dado lugar: de nauegar solamente en la  
villa de nauidad en quanto dexe asegurado: E bien asegurado E ala verdad mucho mas ficiera  
si los nauios me firmieran como rrazõ de nauidad: Esto es barto y eterno dion y esto señor  
el qual da a todos aquellos q andan en canauo pñe rreina de cosas que parecen imposibles: y esta  
señala adãme suela vna por q haũ que de estas rreinas aũ fallado E el rreio todo va por rre  
lectura i m allegor de msta salvo cõprenciõ a tanto que los õyes los mas claribãan e r  
uzganã mas por fable que por poca e dello q si que pues nuestro: rrecomitor oio esta vic  
toria A nuestros Illustrissimos rey: e rreina catõ rreinos fãmosos de q a alta cosa A nõde toda



La cristiandad debe tomar alegría y hacer grandes fiestas y dar gradas solenes a la sancta trinidad cō muchas oraciones solenes por el tiempo en calcaniento que hauran en fernando se tantos pueblos a nuestra sancta fe: y despues por los bienes tēporales q̄ no solamente a la españa mas a todos los cristianos tienen aqui refrigerio y ganancia esto segun el fecho a si embicue fecha en la caluera sobre las yslas de canana a xv de febrero año 1494. cccclxxxiii.

Para lo que mandareys El Almirante

Alma que venia dentro en la Carta.

Despues desta escripto: y estādo en mar de Castilla salio tanto viēto cō migo. sul y fueste que meba fecho descargat los nauios po con aqui en este puerto de lisbona q̄ que fue la mayo: y maravilla del mundo adōde acorde esciuir a sus altezas. en todas las ynuas de siempre ballado y los tēporales como en mayo adōde yo fui en xxviii dia y volui en xviii salio quēdas tomen: ras me adē sendo xlii dias corriendo por esta mar: dixen a qua todos los hōbres de la mar que mas ouo las mal puiamo no ni tantas perdidas de naues fecha ba quatorze dias de marzo:

ESTA Carta en bio Colon Aldeuano Beracio  
De las Yslas Balladas en Las Indias: Lōticias  
A: Ours De Sus Altezas

### Reprodução do texto impresso

Señor porque se que avreis plazer de la grand vitoria que nuestro señor me ha dado en mi viaje vos escribo esta, por la qual sabreis como en veinte dias pase a las índias cō la armada q̄ los illustrissimos Rey e Reyna ñros señores me dieron dōde yo falle muy muchas islas pobladas cō gente sin numero y dellas todas he tomado posesion por sus altezas con pregon y vādera real estendida y non me fue cōtradicho. A la primera q̄ yo falle puse nonbre sant salvador a comemoracion de su alta magestat el qual maravillosamente todo esto a(n) dado los ídios la llaman guanahani a la segūda puse nonbre la isla de santa maria de concepcion a la tercera fernandina a la quarta la isla bella a la quīta la isla Juana e asi a cada una nonbre nuevo Quando yo llegue a la Juana segui io la costa della al poniente y la falle tan grande q̄ pense que seria tierra firme la provīcia de catayo y como no falle asi villas y luguares en la costa de la mar salvo pequeñas poblaciones con la gente de las quales no podia haver fabla por que luego fuyan todos andava yo adelante por el dicho camino pēsādo de no errar grādes ciudades o villas y al cabo de muchas leguas visto q̄ no havia ñovacion i que la costa me levava al setētrion de adōde mi voluntad era cōtraria porq̄ el yvierno era ya ēcarnado yo tenia proposito de hazer del al austro y tan biē el viēto me dio adelante determine de no aguardar otro tiēpo y bolvi atras fasta un señalado puerto de adōde ēbie dos hōbres por la tierra para saber si havia rey o grādes ciudades ādovierō tres iornadas y hallarō ñfinitas poblaciōes pequeñas i gēte sī numero mas no cosa de regimiēto por lo qual se bolvierō yo entēdia harto de otros ídios que ia tenia tomados como continuamēte esta tierra era isla e asi segui la costa della al oriēte ciento i siete leguas fasta dōde fazia fin del qual cabo vi otra isla al oriēte distīcta de esta diez o ocho leguas a la qual luego puse nonbre la spañola y fui alli y segui la parte del setentrion asi como



de la iuana al oriente CLXXVIII grãdes leguas por linia recta del oriẽte asi como de la iuana la qual y todas las otras sō fortissimas en demasiado grado y esta en estremo en ella ay muchos puertos en la costa de la mar sī cōparaciō de otros q̄ yo sepa en cristianos y fartos rios y buenos y grandes q̄ es maravilla las tierras della sō altas y ē ella muy muchas sierras y mōtañas altissimas sī cōparaciō de la isla de cẽtre frei todas fermosissimas de mil fechuras y todas ādabiles y llenas de arboles de mil maneras i altas i parecen q̄ llegã al cielo i tẽgo por dicho q̄ iamas pierdē la foia segun lo puede cōprehēder q̄ los vi tã verdes i tã hemosos como sō por mayo en spaña i dellos stavã floridos dellos cō fruto i dellos en otro termino segū es su calidad i cātava el ruiseñor i otros paxaricos de mil maneras en el mes de noviẽbre por alli dōde io ādava ay palmas de seis o de ocho maneras q̄ es admiracion verlas por la diformidad hermosa dellas mas asi como los otros arboles y frutos e iervas en ella ay pinares a maravilla e ay canpiñas grãdissimas e ay miel i de muchas maneras de aves y frutas muy diversas en las tierras ay muchas minas de metales e ay gēte īstimabile numero. La spañola es maravilla la sierras y las mōtañas y las vegas i las campiñas y las tierras tan fermosas y gruesas para plantar y sēbrar para criar ganados de todas suertes para hedificios de villas e lugares los puertos de la mar aqui no havria crehencia sin vista y de los rios muchos y grandes y buenas aguas los mas de los quales traē oro ē los arboles y frutos e yervas ay grandes diferencias de aquellas de la iuana en esta ay muchas specierias y grandes minas de oro y de otros metales La gente desta isla y de todas las otras q̄ he fallado y havido ni aya havido noticia andan todos desnudos hōbres y mugeres asi como sus madres los parē haun que algunas mugeres se cobrian un solo lugar cō una foia de yerva o una cosa de algodō que para ello fazen ellos no tienen fierro ni azero ni armas ni son [par]a ello no por que no sea gente bien dispuesta y de hermosa estatura salvo que sō muy te[merosos] a maravilla no tienē otras armas salvo las [arm]as de las cañas quando est[an] cō la simiente a [la] qual ponen al cabo un palillo agudo e no osan usar de aquellas que m[uchas] vezes m[e ha acaecido] embiar a tierra dos o tres hombres [a] alguna villa para haver fabl[a y] salir a [ellos dellos]

sī numero y despues q̄ los veyã llegar fuyan a no aguardar padre a hijo y esto no por que a nĩguno se aya hecho mal antes a todo cabo adōde yo aya estado y podido haver fabla les he dado de todo lo que tenia asi paño como otras cosas muchas sī recibir por ello cosa algũa mas sō asi temerosos sin remedio verdad es que despues que aseguran y pierdē este miedo ellos son tanto sī engaño y tan liberales de lo q̄ tienē que no lo creerian sino el q̄ lo viese ellos de cosa que tẽgan pidiēdogela iamas dizē de no antes cōvidan la persona cō ello y muestran tãto amor que darian los corazones y quierē sea cosa de valor quier sea de poco precio luego por qualquiera cosica de qualquiera manera que sea que se le de por ello seã cōtentos yo defendi que no se les desen cosas tan siviles como pedazos de escudillas rotas e pedazos de vidrio roto y cabos dagujetas haū q̄ quãdo ellos esto podian llegar los parecia haver la meior ioya del mūdo que se acerto haver un marinero por una agugeta de oro de peso de dos castellanos y medio y otros de otras cosas q̄ muy menos valiã mucho mas ya por blãcas nuevas davan por ellas todo quanto tenian haū que fuesē dos ni tres castellanos de oro o una arrova o dos de algodō filado fasta los pedazos de los arcos rotos de las pipas tomavan y davan lo q̄ tenian como bestias asi que me parecio mal yo lo defēdi y dava yo graciosas mil cosas buenas q̄ yo levava por que tomen amor y allēda desto se farã cristianos que se īclinan al amor e cervicio de sus altezas y de toda la naciō castellana e procurã de aiūtar de nos dar de las cosas que tenē en abundãncia que nos sō necessarias y no conocian nĩguna seta nĩ idolatria salvo que todos creen q̄ las fuerças y el biē es ē el cielo y creian muy firme que yo cō estos navios y gente venia del cielo y en tal catamiento me recibian en todo cabo despues de haver perdido el miedo y esto no procede porq̄ sean ignorantes salvo de muy sutil īgenio y õbres que navegan todas aquellas mares que es maravilla la buena cuenta aquellos dan de todo salvo porque nũca vierō gēte vestida ni semeiantes navios y luego que lege a las ídias ē la primera isla q̄ halle tome por forza algunos dellos para que deprēdiesen y me diesen notia de lo que avia en aquellas partes e asi fue que luego ētendiron y nos a ellos quando por lengua o señas y estos han aprovechado mucho oy en dia los traigo q̄ siēpre estã de proposito q̄ vẽgo del cielo por



mucha cōversasiō q̄ ayan havido cōmigo y estos eran los primeros a pronunciarlo adonde yo llegava y los otros andavan corriendo de casa ã casa y a las villas cercanas cō bozes altas venit venit a ver la gente del cielo asi todos hōbres como mugeres despues de haver el corazō seguro de nos veniã q̄ nō cadavã grande ni pequeño y todos trayan algu de comer y de beber que davan cō un amor maravilloso ellos tienē todas las islas muy muchas canoas a manera de fustes de remo dellas maiores dellas menores y algunas y muchas sō mayores que hũa fusta de diez e ocho bācos nō sō tan anchas porque sō de hun solo madero mas huna fusta no terna cō ellas al remo porque van que no es cosa de creer y cō estas navegan todas aquellas islas q̄ sō innumerables y tratē sus mercaderias algunas destas canoas he visto cō LXX y LXXX õbres en ella y cada uno cō su remo en todas estas islas no vide mucha diversidad de la fechura de la gente ni en las costumbres ni en la lengua salvo que todos se entienden q̄ es cosa muy sīngular para lo que espero q̄ determinaran sus altezas para la cōversaciō dellos de nuestra santa fe a la qual sō muy dispuestos ya dixi como yo havia ādado CVII leguas por la costa de la mar por la derecha liña de osidēte a oriente por la isla iuana segū el qual camino puedo desir que esta isla es maior que inglaterra y escosia iuntas por que allēde destas CVII leguas me queda de la parte de poniente dos provīsias que io no he andado la una de las quales llaman auau adōde nasē la gēte cō cola las quales provīsias no pueden tener en longura menos de L o LX leguas segun puede entender destos īdios que yo tengo los quales saben todas las islas esta otra española en cierco tiene mas que la españa toda desde colunya por costa de mar fasta fuēteravia en viscaya pues en una quadra anduve CLXXXVIII grandes leguas por recta linea de occident a oriente esta es para desear e [vista] es para nunca dexar en la qual puesto [que de to]das tenga tom[ada] possessiō por sus altezas y todas sean mas abastadas de lo que yo se y puedo dezir y todas las tengo por de sus altezas qual dellas pueden disponer como y tan cōplidamente como de los reynos de castilla en esta española en el lugar mas cōvenible y mejor comarca para las minas del oro y de todo trato asi de la tierra firme de aqua como de aquella de alla del gran can adōde havra grand trato e ganancia he tomado

possessiō de una villa grande a la qual puse nōbre la villa de navidad y en ella he fecho fuerza y fortaleza que ya a estas horas estara del todo acabada y he dexado en ella gente que abasta para semeiante fecho cō armas y artellarias e vituallas por mas de un año y fusta y maestro de la mar en todas artes para fazer otras y grande amistad cō el rey de aquella tierra en tanto grado que se preciava de me llamar y tener por hermano e haū que le mudase la volūtad a hoffender esta gente el ni los suios no sabē que sean armas y andan desnudos como ya he dicho sō los mas temerosos que ay en el mūdo asi que solamente la gente que alla queda es para destroir toda aquella tierra y es isla sī peligro de sus personas sabiendose regir en todas estas islas me parece que todos los õbres sean cōtētos cō una muger i a su maioral o rey dan fasta veynte las mugeres me parece que trabaxan mas que los õbres ni he podido entender si tienen bienes propios que me parecio ver q̄ aquello que uno tenia todos hazian parte en especial de las cosas comederas en estas islas fasta aqui no he hallado õbres mostrudos como muchos pensavan mas antes es toda gēte de muy lindo acatamiento ni sō negros como ã guinea salvo cō sus cabellos corredios y no se crian adōde ay īpeto demasiado de los rayos solares es verdad que el sol tiene alli grand fuerça puesto que es di distinta de la liña īquinocial veīte e seis grādes en estas islas adōde ay mōtañas grandes ay tenia a fuerça el frio este yvierno mas ellos lo sufren por la costumbre que cō la ayuda de las viandas comen cō especias muchas y muy calientes en demasia asi que mostruos no he hallado ni noticia salvo de una isla que es aqui en la segunda a la entrada de las yndias q̄ es poblada de una iente que tienen en todas las islas por muy ferozes los qualles comē carne umana estos tienē muchas canaus cō las quales corrē todas las islas de īdia robã y tomã quanto pueden ellos no sō mas disformes que los otros salvo q̄ tienē en costumbre de traer los cabellos largos como mugeres y usan arcos y flechas de las mismas armas de cañas cō un palillo al cabo por defecto de fierro q̄ no tienē sō ferozes entre estos otros pueblos que sō ã demasiado grado covardes mas yo no los tengo en nada mas que a los otros estos sō aquellos q̄ tratã cō las mugeres de matremomo q̄ es la primera isla partiendo de españa para las īdias q̄ se falla en la qual no



ay hõbre nĩguno ellas no usã exercio femeníl salvo arcos y frechas como los sobre dichos de cañas y se arman y cobigan cõ launes de arambre de que tienē mucho otra isla me seguran mayor q̃ la española en que las personas no tienē ningũ cabello En esta ay oro sí cuento y destas y de las otras traigo comigo ídios para testimonio e cõclusiõ a fablar desto solamēte que se a fecho este viage que fue asi de corida que puedē ver sus altezas q̃ yo les dare oro quanto ovierē menester con muy poquita ayuda q̃ sus altezas me darã agora speciaria y algodõ quãto sus altezas mãdarã cargar y almastica quanta mandaran cargar e de la qual fasta oy no se ha fallado salvo en grecia en la isla de chio y el señorío la vende como quiere y ligualoe quãto mandaran cargar y esclavos quãtos mãdaran cargar e seran de los idolatres y creo haver fallado ruybarvo y canela e otras mil cosas de sustancia fallare que havran fallado la gēte que yo alla dexo porque yo no me he detenido nĩgũ cabo en quãto el viento me aia dado lugar de navegar solamente en la villa de navidad enquanto dexe asegurado e bien asētado E a la verdad mucho mas ficiera si los navios me sirvieran como razõ demandava Esto es harto y eterno dios nuestro señor el qual da a todos aquellos q̃ andan su camino victoria de cosas que parecen imposibles y esta señalamēte fue la una porq̃ haũ que destas tierras aian fallado o escripto todo va por cõiectura sin allegar de vista salvo cõprendiendo a tanto que los oyētes los mas escuchavan e iuzgavan mas por fabla que por poca c[osa] dello asi que pues nuestro redemtor dio esta victoria a nuestros illustri-simos rey e Reyna e a s[us] Reynos famosos de tã alta cosa adõde toda la christiandad deve tomar alegria y fazer grandes fiestas y dar gracias solēnes a la sancta trinidad cõ muchas oraciones solēnes por el tanto enxalgamiento que havran en tornandose tantos pueblos a nuestra sancta fe y despues por los bienes tēporales que no solamente a la españa mas todos los christianos ternan aqui refrigerido y ganancia esto segun el fecho asi en breve Fecha en la calavera sobre las islas de canaria a XV de febrero año mil CCCCLXXXIII

Fara lo que mandareys El Almirante

*Anima que venia dentro en la Carta.*

Despues desta escripto y estãdo en mar de Castilla salio tanto viēto cõ migo sul e sueste que me ha fecho descargar los navios pero cori aqui en este puerto de lisbona oy que fue la mayor maravilla del mundo adõde acorde escribir a sus altezas en todas las Indias he siempre hallado los tēporales como em mayo adõde yo fuy en XXXIII dias y volvi en XXVIII salvo questas tormentas me a detenido XIII dias corriendo por esta mar dizen aqua todos los hõbres de la mar q̃ iamas ovo tan mal yvierno ni tantas perdidas de naves fecha ha quatorze dias de marzo:

Esta carta enbio Colon al escrivano de raciõ de las islas halladas en las ídias cõtenida a otra de sus altezas



### Tradução

Senhor <sup>(143)</sup>, porque sei que haveis prazer da grande vitória que Nosso Senhor me há dado em minha viagem, <sup>(144)</sup> vos escrevo esta pela qual sabereis como em vinte dias <sup>(145)</sup> passei às Índias <sup>(146)</sup> com a armada que os ilustrísimos Rei e Rainha, nossos senhores, me deram, onde eu achei muitíssimas ilhas povoadas com gente sem número e delas todas hei tomado posse por Suas Altezas com pregão e bandeira real estendida e não me foi contraditado <sup>(147)</sup>.

À primeira que eu achei pus nome São-Salvador, a comemoração de sua alta magestade, o qual maravilhosamente tudo isto há dado; os índios chamam-na Guanahani. À segunda pus nome a ilha de Santa Maria da Conceição. À terceira, Fernandina. À quarta a Ilha Bela <sup>(148)</sup>. À quinta a ilha Joana <sup>(149)</sup> E assim a cada uma nome novo.

Quando eu cheguei à Joana, segui eu a costa dela a ponte e a achei tão grande que pensei que seria terra firme, a

---

<sup>(143)</sup> Tratamento dado a reis e grandes do reino tanto em Espanha como em Portugal. Cfr. Caminha, *Carta a El-rei D. Manuel*, ed. da INCM, p. 31.

<sup>(144)</sup> Frequente a atribuição do êxito da viagem a protecção divina.

<sup>(145)</sup> Na *anima ou postscriptum* da carta vêm XXXIII dias, que é o tempo exacto da travessia.

<sup>(146)</sup> Pela primeira vez aparece impressa a palavra Índias para designar as Antilhas. Colombo supunha ter chegado às primeiras ilhas da Índia, à apeteçada Cipango.

<sup>(147)</sup> Ritual de posse. Em Caminha, desembarca o capitão com sua gente: «...com nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor cantar a cruz». Seguiu-se missa. (Pp. 77-78 da citada edição).

<sup>(148)</sup> Erro por Isabela, nome da Rainha. No relato da primeira viagem reproduzido por Frei Bartolomeu de las Casas está também Islabela.

<sup>(149)</sup> Ilha de Cuba.



província de Cataio <sup>(150)</sup>. E como não achei assim vilas e lugares na costa do mar, salvo pequenas povoações com a gente das quais não podia haver fala, porque logo fugiam todos <sup>(151)</sup> andava eu adiante pelo dito caminho, pensando em não errar grandes cidades ou vilas; e, ao cabo de muitas léguas, visto que não havia inovação e que a costa me levava ao setentrião para onde minha vontade era contrária, porque o inverno era já encarnado (e) eu tinha o propósito de fazer dele ao austro, e também o vento me deu adiante, determinei de não aguardar outro tempo e volvi atrás até um assinalado porto de onde enviei dois homens a terra para saber se havia rei ou grandes cidades <sup>(152)</sup>. Andaram três jornadas e acharam infinitas povoações pequenas e gente sem número, mas não coisa de regimento, pelo qual se volveram.

Eu entendia harto de outros índios, que já tinha tomados, como continuamente esta terra era ilha e assim segui a costa dela a oriente cento e sete léguas até onde fazia fim; do qual cabo vi outra ilha a oriente, distinta de esta dez ou oito léguas, à qual logo pus nome a Espanhola <sup>(153)</sup>. E fui ali e segui a parte de setentrião, assim como da Joana, a oriente CLXXVIII grandes léguas <sup>(154)</sup> por linha recta de oriente, assim como da Joana <sup>(155)</sup>, a qual e todas as outras são fortíssimas <sup>(156)</sup> em demasiado grau e esta em extremo. Em ela há muitos portos na costa do mar sem comparação de outros que eu saiba

<sup>(150)</sup> Sempre na ideia de que peregrinava pelas regiões do Extremo Oriente. Talvez a província de Cataio, referida por Marco Polo, «...de grande comércio e de grande indústria e belos campos e belas vinhas e gente cortês» (*Le Livre de Marco Polo...* Paris, Albin Michel, 1955, pp. 178-179).

<sup>(151)</sup> Mais mansos os de Caminha que não ficavam longe e obedeciam aos acenos de que depusessem arcos e flechas.

<sup>(152)</sup> No *Diário da Primeira Viagem* (1492), sexta-feira, 2 de Novembro: «Acordó el Almirante enbiar dos hombres españoles: el uno se llamava Rodrigo de Xerez, que bivia en Ayamonte, y el otro era un Luis de Torres, que avia bivido con el Adelantado de Murcia y avia sido judio, y sabía diz que ebraico y caldeo y aun algo arvávigo...». Cristóbal Colón — *Textos y Documentos Completos...* Prólogo y notas de Consuelo Varela. Madrid, Alianza Editorial, 1984, p. 60.

<sup>(153)</sup> Ilha de Haiti.

<sup>(154)</sup> Adiante, p. 74, a distância exacta: CLXXXVIII (188).

<sup>(155)</sup> Repetição escusada.

<sup>(156)</sup> «fertilíssimas», na tradução latina.

em cristãos e fartos rios e bons e grandes que é maravilha. As terras dela são altas e em ela muitíssimas serras e montanhas altíssimas sem comparação da ilha de Centre Frei <sup>(157)</sup>, todas fermosíssimas, de mil feituradas, e todas andáveis e cheias de árvores de mil maneiras e altas e parecem que chegam ao céu e tenho por dito que jamais perdem a folha, segundo o pude compreender, que as vi tão verdes e tão fermosas como são por Maio em Espanha. E delas estavam floridas, delas com frutos e delas em outro termo, segundo é sua qualidade. E cantava o ruisenhor e outros passaricos de mil maneiras, em o mês de Novembro por ali onde eu andava. Há palmas de seis ou de oito maneiras, que é admiração vê-las pela diformidade fermosa delas, mas... <sup>(158)</sup> assim como as outras árvores e frutos e ervas em ela há pinhais a maravilha e há campinas grandíssimas e há mel e de muitas maneiras de aves e frutas mui diversas. Em as terras há muitas minas de metais e há gente *inaestimabili numero*.

A Espanhola é maravilha; as serras e as montanhas e as veigas e as campinas e as terras tão fermosas e grossas para plantar e semear, para criar gados de todas sortes, para edifícios de vilas e lugares. Os portos do mar — aqui não haveria crença sem vista — e dos rios muitos e grandes e boas águas, os mais dos quais trazem ouro <sup>(159)</sup>. Nas árvores e frutos e ervas há grandes diferenças de aqueles da Joana;

<sup>(157)</sup> Centre Frei por Tenerife. Será erro do tipógrafo. No *Diário da Primeira Viagem* (1492), sexta-feira, dia 21 de Dezembro, lê-se: «En toda esta comarca ay montañas altíssimas, que parecen llegar al cielo, que la de la isla de Tenerife parece nada en comparación dellas en altura e en hermosura...» (Edição citada de *Textos y Documentos...*, p. 92).

<sup>(158)</sup> Faltarão palavras.

<sup>(159)</sup> A narrativa chã, clara, discreta segue-se enlevada, ia dizer poética descrição da luxuriante paisagem tropical. Entre a diversidade de cantos de pequenas aves supõe Colombo que ouvia o do rouxinol, que aí não existia. Note-se ainda a presença peninsular que lhe serve de confronto. As árvores «...tão verdes e tão fermosas como são por Maio em Espanha».

Também Caminha, 7 anos depois, há-de comparar uma realidade a outra realidade: Disse o degredado Afonso Ribeiro «...que não vira lá entre eles (índios) senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos muito grandes, como d'Ante Doiro e Minho» (Edição citada, p. 61). «Outras aves então não vimos; somente algumas pombas seixas e



em esta há muitas especiarias e grandes minas de ouro <sup>(160)</sup> e de outros metais. A gente desta ilha e de todas as outras que hei achado e havido nem haja havido <sup>(161)</sup> notícia andam todos desnudos, homens e mulheres, assim como suas mães os parem, ainda que algumas mulheres se cobriam num só lugar com uma folha de erva ou uma coisa de algodão que para isso fazem <sup>(162)</sup>. Eles não têm ferro, nem aço, nem armas, nem são para isso <sup>(163)</sup>, não porque não seja gente bem disposta e de fermosa estatura, salvo que são mui temerosos a maravilha <sup>(164)</sup>. Não têm outras armas salvo as armas das canas, quando estão com a semente, na qual põem no cabo um pauzinho agudo e não ousam usar de aquelas, que muitas vezes me há acontecido enviar a terra dois ou três homens a alguma vila para haver fala e sair a eles, deles sem número, e depois

---

pareceram-me maiores, em boa quantidade, que as de Portugal» (p. 67). «A terra, porém, em si, é de muito bons ares, assim frios e temperados como os d'Antre Doiro e Minho...» (p. 82).

E o índio e seu comportamento também se hão-de ver com os olhos da região de origem. Sobre este novo «outro» leia-se o belo e descomprometido estudo de Alfredo Margarido sobre *La Vision de l'Autre (Africain et Indien d'Amérique) dans la Renaissance Portugaise*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian. Centre Culturel Portugais, 1984.

<sup>(160)</sup> O ouro, riqueza que mais que todas se buscava nos descobrimentos peninsulares. Colombo cria i-lo encontrando em abundância, segundo amostras que lhe traziam e o que ia ouvindo e sua vigorosa imaginação ampliava.

<sup>(161)</sup> «...nem haja havido», repetição.

<sup>(162)</sup> Nudez que se estranha; corpos fisicamente bem proporcionados: «...gente bem disposta e de fermosa estatura...». E adiante se conclui por sua bestialidade, simplicidade, inocência. Assim os índios de Caminha: «...Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto...» (Edição citada, pp. 37-38).

<sup>(163)</sup> Assim pensava por preconceito de que aqueles «selvagens» eram inocentes, naturalmente bons, logo sem predisposição para se armarem e, por isso mesmo «temerosos». Falso juízo do outro que logo na 2.<sup>a</sup> viagem se desmente. Ergueu Colombo na ilha Espanhola, durante a 1.<sup>a</sup> viagem, o forte de Navidad, onde deixou 39 homens. Ao voltar, na 2.<sup>a</sup> viagem, encontrou-os massacrados. Não descrê, no entanto, da sua cobardia e atribui o morticínio a descuido, culposa desprevenção dos defensores; sem isso os índios não se atreveriam a tanto. Ver C. Colón, *op. cit.*, VII, p. 150.

<sup>(164)</sup> *Ibidem*.

que os viam chegar fugiam a não aguardar pai a filho e isto não porque a nenhum se haja feito mal antes a todo o cabo onde eu haja estado e podido haver fala lhes hei dado de tudo o que tinha, assim pano como outras coisas muitas sem receber por isso coisa alguma; mas são assim temerosos sem remédio. Verdade é que, depois que se asseguram e perdem este medo, eles são tanto sem engano e tão liberais do que têm que não o crerian senão o que o visse. Eles de coisa que tenham pedindo-se-lha jamais dizem que não, antes convidam <sup>(165)</sup> a pessoa com isso e mostram tanto amor que dariam os corações e, quer seja coisa de valor, quer seja de pouco preço, logo por qualquer coisita, de qualquer maneira que seja que se lhe dê por isso, sejam contentes <sup>(166)</sup>. Eu defendi que não se lhes dessem coisas tão vis <sup>(167)</sup> como pedaços de escudelas rotas e pedaços de vidro roto e cabos de agulhetas; ainda que, quando eles a isto podiam chegar, lhes parecia haver a melhor joia do mundo, que se acertou haver um marinheiro por uma agulheta de ouro de peso de dois castelhanos e meio e outros de outras coisas que mui menos valiam muito mais. Já por brancas novas davam por elas tudo quanto tinham, ainda que fossem dois nem três castelhanos de ouro, ou uma arroba ou duas de algodão fiado. Até os pedaços dos arcos partidos das pipas tomavam e davam do que tinham como bestas. Assim que me pareceu mal eu o defendi. E dava eu graciosas mil coisas boas, que eu levava, por que tomem amor e além disto se farão cristãos que se inclinam ao amor e serviço de Suas Altezas e de toda a nação castelhana. E procuram de ajuntar de nos dar das coisas que têm em abundância, que nos são necessárias. E não conheciam nenhuma seita nem idolatria, salvo que todos crêem que as forças e o bem é no céu e criam mui firme que eu com estes navios e gente vinha do céu e em tal acatamento me recebiam em todo cabo, depois de haver perdido o medo e isto não de que sejam ignorantes, salvo de mui sutil engenho e homens que navegam

---

<sup>(165)</sup> Convidar no sentido de dar alguma coisa, presentear. Era vocábulo corrente, na primeira metade do século, no campo algarvio.

<sup>(166)</sup> De novo a ideia de gente ingenuamente boa, sem malícia, ainda não corrompida pela civilização.

<sup>(167)</sup> De pouco valor.



todos aqueles mares que é maravilha a boa conta que eles dão de tudo, salvo porque nunca viram gente vestida nem semelhantes navios <sup>(168)</sup>.

E logo que cheguei às Índias, na primeira ilha que achei tomei por força alguns deles, para que dependessem e me dessem notícia do que havia em aquelas partes e assim foi, que logo entenderam e nós a eles por língua ou senhas e estes não aproveitaram muito. Hoje os que trago sempre estão de propósito que venho do céu, por muita conversação <sup>(169)</sup> que hajam havido comigo. E estes eram os primeiros a pronunciá-lo aonde eu chegava e outros andavam correndo de casa em casa e às vilas cercãs com vozes altas: «Vinde, vinde, a ver a gente do céu!» Assim todos, homens como mulheres, depois de haver o coração seguro de nós, vinham que não quedavam grande nem pequeno e todos traziam algo de comer e de beber, que davam com um amor maravilhoso.

Eles têm em todas as ilhas muitíssimas canoas a maneira de fustes de remo, delas maiores, delas menores e algumas e muitas são maiores que uma fusta de dez e oito bancos; não são tão anchas, porque são de um só madeiro, mas uma fusta não terá com elas ao remo, porque vão que não é coisa de crer. E com estas navegam todas aquelas ilhas que são inumeráveis e tratem <sup>(170)</sup> suas mercadorias. Algumas destas canoas hei visto com LXX e LXXX homens em ela e cada um com seu remo.

<sup>(168)</sup> No dar escolhiam o que podia servir. Reconhece-se nos índios capacidade de conhecer, engenho subtil, aperfeiçoada ciência de navegar, em contradição com a bestialidade, a selvajaria de que simultaneamente são acusados. O etnocentrismo do cristão europeu, do que se tem por civilizado, não se abate ante evidências contraditórias. Aqui, sim, nos parecem ingênuos, incapazes de sair de si próprios, de seus cismas, os ditos civilizados. Os *outros* interpretam-se pela diferença, pela negativa de não serem como nós. Não os ouvimos nunca, ficam mudos, medimo-los com a nossa medida e por aí se vai toda a objectividade. Entende-se, pois, que precipitadamente se julguem sem normas religiosas. Estamos a ouvir Caminha: «Parece-me gente de tal inocência que, se os homens entendesse e eles a nós, que seriam logo cristãos...» (p. 72 da citada edição). Ajuda-me neste conceito Alfredo Margarido no seu penetrante e citado estudo «La Vision de l'Antre...».

<sup>(169)</sup> Conversação = convivência.

<sup>(170)</sup> Tratar = negociar.

Em todas estas ilhas não vi muita diversidade da feitura da gente nem nos costumes nem na língua, salvo que todos se entendem, que é coisa mui singular, para o que espero que determinarão Suas Altezas para a conversação <sup>(171)</sup> deles à nossa santa fé, à qual são mui dispostos.

Já disse como eu havia andado CVII léguas por a costa do mar, por a direita linha de Ocidente a Oriente, por a ilha Joana, segundo o qual caminho posso dizer que esta ilha é maior que Inglaterra e Escócia juntas, porque além destas CVII léguas me queda da parte de Ponente duas províncias que eu não hei andado, a uma das quais chamam Auau, onde nascem a gente com rabo <sup>(172)</sup>, as quais províncias não podem ter em longura menos de L ou LX léguas, segundo pude entender destes índios que eu tenho, os quais sabem todos as ilhas. Esta outra Espanhola, em cerco, tem mais que a Espanha toda desde Colunha por costa de mar até Fuenterravia em Viscaia, pois em uma quadra andei CLXXXVIII grandes léguas por recta linha de Ocidente a Oriente. Esta é para desejar e vista é para nunca deixar; na qual posto que de todas tenha tomada possessão por Suas Altezas e todas sejam mais abastadas de o que eu sei e posso dizer, e todas as tenho por de Suas Altezas, qual delas podem dispor como e tão cumpridamente como dos reinos de Castela, em esta Espanhola no lugar mais conveniente e melhor comarca para as minas do ouro e de todo trato, assim a terra firme de cá como de aquela de lá do Grã Can <sup>(173)</sup> onde haverá grande trato e ganância, hei tomado possessão de uma vila grande, à qual pus nome de Vila de Navidade e nela hei feito força e fortaleza que já a estas horas estará de todo acabada. E hei deixado nela gente que abasta para semelhante feito, com armas e artilharias e vitualhas por mais de um ano e fusta e mestre do mar <sup>(174)</sup> em todas as artes para fazer outras, e grande amizade com o rei de aquela terra em tanto grau que se

<sup>(171)</sup> No original *cõversaciõ* talvez por *cõversiõ*.

<sup>(172)</sup> Segundo diziam os índios.

<sup>(173)</sup> *de cá* (Europa); *de lá do Grã Can*, que Colombo buscava.

<sup>(174)</sup> Homem entendido nas tarefas de marinharia. Nos navios quem mais mandava depois do capitão.



prezava de me chamar e ter por irmão <sup>(175)</sup>. E ainda que lhe mudasse a vontade a ofender esta gente, ele nem os seus não sabem que sejam armas e andam desnudos, como já hei dito. São os mais temerosos que há no mundo, assim que somente a gente que lá queda é para destruir toda aquela terra e é ilha sem perigo de suas pessoas sabendo-se reger <sup>(176)</sup>.

Em todas estas ilhas me parece que todos os homens estejam contentes com uma mulher e a seu maioral ou rei dão até vinte. As mulheres me parece que trabalham mais que os homens. Nem hei podido entender se têm bens próprios, que me pareceu ver que aquilo que um tinha todos faziam parte, em especial das coisas comedouras.

Em estas ilhas até aqui não hei achado homens monstruosos, como muitos pensavam, mas antes é toda gente de mui lindo acatamento, nem são negros como em Guiné, salvo com seus cabelos corredios <sup>(177)</sup>, e não se criam onde há ímpeto demasiado dos raios solares. É verdade que o sol tem ali grande força, posto que é distinta da linha equinocial vinte e seis graus. Em estas ilhas onde há montanhas grandes aí tinha a força o frio este inverno; mas eles o sofrem por o costume que com a ajuda das viandas comem com espécies muitas e mui quentes em demasia. Assim que monstros não hei achado nem notícia, salvo de uma ilha que é aqui em <sup>(178)</sup> a segunda à entrada das Índias que é povoada de uma gente que têm em todas as ilhas por mui ferozes, as quais comem carne humana. Estes têm muitas canoas com

<sup>(175)</sup> Colombo não perde oportunidade de se valorizar aos olhos dos monarcas castelhanos.

<sup>(176)</sup> Já vimos como o Almirante se enganava. A segurança não era, no entanto, absoluta, como se depreende de «...sabendo-se reger».

<sup>(177)</sup> Mais uma vez desfeita a lenda antiga e medieval da existência de homens monstruosos, fora do mundo judeo-arabigo-cristão. Além de bem feitos de corpo, de muito bom trato: «...de mui lindo acatamento». E nem negros como os de Guiné, e seus cabelos «corredios», lisos. O Almirante aproveita aqui a experiência adquirida nas viagens que, em navios portugueses, tinha feito à Guiné.

<sup>(178)</sup> Sanz anota: «Na tradução latina 'Charis' e no texto original impresso omite-se o nome *Quarives* e em seu lugar lê-se: 'que es aqui en', frase com que talvez o tipógrafo substituiu o nome exótico *Quarives*, que aparece em algum outro texto antigo e que em realidade corresponde ao daquela região» (Edição citada, nota 27, p. 11).

as quais correm todas as ilhas de Índia, roubam e tomam quanto podem. Eles não são mais disformes que os outros, salvo que têm em costume de trazerem os cabelos largos como mulheres e usam arcos e flechas das mesmas armas de canas com um pauzinho ao cabo por defeito de ferro que não têm. São ferozes entre estes outros povos que são em demasiado grau covardes, mas não os tenho em nada mais que aos outros. Estes são aqueles que tratam com as mulheres de Matremomo <sup>(179)</sup>, que é a primeira ilha, partindo de Espanha para as Índias que se acha, na qual não há homem nenhum. Elas não usam exercício feminino salvo arcos e flechas, como os sobreditos de canas, e se armam e cobrem com folhas de arambe <sup>(180)</sup>, de que têm muito.

Outra ilha me asseguram maior que a Espanhola em que as pessoas não têm nenhum cabelo <sup>(181)</sup>. Em esta há ouro sem conta e destas e das outras trago comigo índios para testemunho.

Em conclusão, a falar disto somente que se há feito esta viagem, que foi assim de corrida, que podem ver Suas Altezas que eu lhes darei ouro quanto houverem mister, com mui pouquinha ajuda que Suas Altezas me darão agora, especiaria e algodão quanto Suas Altezas mandarão carregar e almástica <sup>(182)</sup> quanta mandarão carregar e da qual até hoje não se há achado salvo em Grécia, na ilha de Chio e o Senhorio a vende como quer, e linaloe <sup>(183)</sup> quanto mandarão carregar e escravos quantos mandarão carregar e serão dos idólatras.

<sup>(179)</sup> Por Martinino (Sanz, *op. cit.*, p. 11, nota 28; Colón, *op. cit.*, V, p. 145, nota 17).

<sup>(180)</sup> Ou «alambre». Cobre, segundo pensava Las Casas (C. Colón, *op. cit.*, V, p. 145, nota 17).

<sup>(181)</sup> De notar que Colombo não se liberta do imaginário antigo e medieval, aliás o do seu tempo e o que lhe vinha de leituras e nelas teve larga representação a obra célebre do Cardeal d'Ailly (1350-1420). *Imago Mundi* (veja-se J. S. da Silva Dias — *Os Descobrimientos e a Problemática Cultural do Século XVI*, p. 191 e sgs. (Coimbra, Universidade, 1973). Aceita a existência em uma das ilhas, onde não estive, de homens com rabo, de outra só habitada por mulheres e aqui de uma outra «...em que as pessoas não têm nenhum cabelo».

<sup>(182)</sup> Resina odorífera.

<sup>(183)</sup> Arvore cuja madeira, queimada, produz cheiro agradável.



E creio haver achado ruibardo <sup>(184)</sup> e canela e outras mil coisas de sustância acharei que haverão achado a gente que eu lá deixo, porque eu não me hei detido nenhum cabo, enquanto o vento me haja dado lugar de navegar, sòmente na Vila de Navidade, em quanto deixei assegurado e bem assentado. E, à verdade, muito mais fizera se os navios me serviram, como razão demandava. Isto é harto, e eterno Deus Nosso Senhor, o qual dá a todos aqueles que andam seu caminho vitória de coisas que parecem impossíveis. E esta assinaladamente foi uma, porque, ainda que destas terras hajam achado ou escrito tudo vai por conjectura sem alegar de vista salvo compreendendo, a tanto que os ouvintes os mais escutavam e julgavam mais por fábula que por pouca coisa disso. Assim que pois nosso Redentor deu esta vitória a nossos ilustríssimos Rei e Rainha e a seus reinos, famosos de tão alta coisa, de onde toda a cristandade deve tomar alegria e fazer grandes festas e dar graças solenes à Santa Trindade, com muitas orações solenes por a tanta exaltação que haverão em tornando-se tantos povos à nossa santa fé e depois por os bens temporais que não sòmente à Espanha mas a todos os cristãos terão aqui refrigério e ganância. Isto segundo o feito assim em breve. Feita na caravela sobre as ilhas de Canaria, a XV de Fevereiro, ano mil CCCXXXIII.

Fará o que mandareis. O Almirante.

*Anima* <sup>(185)</sup> que vinha dentro em a carta.

Depois desta escrito e estando em mar de Castela saíu tanto vento comigo sul e sueste que me há feito descarregar os navios. Mas corri aqui em este porto de Lisboa hoje, que foi a maior maravilha do mundo, onde acordei escrever a Suas Altezas. Em todas as Índias hei sempre achado os temporais, como em Maio, aonde eu fui em XXXIII dias e volvi em XXVIII, salvo que estas tormentas me hão detido XIII dias, correndo por este mar. Dizem cá todos os homens

<sup>(184)</sup> Planta muito conhecida da velha farmacopeia portuguesa, de efeitos purgativos.

<sup>(185)</sup> Sanz: «o termo *anima* vale aqui por *nema*, *sello* ou *post-scriptum*» (p. 13).

do mar que jamais houve tão mau inverno, nem tantas perdas de naves.

Feita aos catorze dias de Março <sup>(186)</sup>.

Esta carta enviou Colombo ao escrivão de ração das ilhas achadas nas Índias, incluída a outra de Suas Altezas.

<sup>(186)</sup> Deverá corrigir-se para 4 de Março, dia em que no *Diário* se diz que o Almirante escreveu ao rei de Portugal. A 13, ainda segundo o *Diário*, partiu de Lisboa para Sevilha.



## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- ANDRADE, ANTÓNIO ALBERTO BANHA DE — *Mundos Novos do Mundo*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972.
- BARRETO, AUGUSTO DE MASCARENHAS — *O Português Cristóvão Colombo, Agente Secreto do Rei D. João II*. Lisboa, Edições Referendo, 2.ª edição, 1988.
- BARROS, JOÃO DE — *Ásia*. Primeira década. Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945.
- BERETTA, ANTÓNIO BALLESTÉROS Y — *Historia de España y su Influencia en la Historia Universal*. Barcelona, Casa Editorial P. Salvat, 1922, como tercero.
- CAMINHA, PERO VAZ DE — *Carta a El-Rei D. Manuel*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974.
- Cartas Particulares a Colón y Relaciones Coetáneas*. Edición de Juan Gil y Consuelo Varela. Madrid, Alianza Editorial, 1984.
- CIONORESCU, ALEXANDRO — *Colón, Humanista*. Madrid, Editorial Prensa Española, 1967, 3.ª edición.
- COLÓN, CRISTÓBAL — *Textos y Documentos Completos*. Prólogo y notas de Consuelo Varela, Madrid, Alianza Editorial, 1984.
- *Diario de a Bordo* — Historia 16, vol. 9, Madrid, Hermanos García Noblejas, 41, 1985.
- COLÓN, HERNANDO — *Vida del Almirante Don Cristóbal Colón*. México, Fondo de Cultura Económica, 1947.
- *Historia del Almirante*. Edición de Luís Arranz. Madrid, 1, Historia 16, 1984.
- CORTESÃO, JAIME — *Os Descobrimientos Portugueses*. Lisboa, Livros Horizonte, 1976.
- COUTINHO, GAGO — *A Náutica dos Descobrimientos*. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1969.
- DIAS, J. S. DA SILVA — *Os Descobrimientos e a Problemática Cultural do Século XVI*. Coimbra, Universidade, 1973.
- DUVALE, ANGEL DE ALTOGUIRRE Y — *Cristóbal Colón y Pablo del Pozzo Toscanelli*. Madrid, Imprenta de Administración Militar, 1903.



## Enciclopedia Espasa

- HABERLANDT, MICHAEL — *Etnografia*. Barcelona, Buenos Aires, Editorial Labor, 1926.
- GIL, JUAN — *Mitos y Utopias del Descubrimiento 1. Colón y su Tiempo*. Madrid, Alianza Editorial, 1989.
- LAS CASAS, BARTOLOMÉ DE — *Obras Escogidas, I, Historia de las Indias*. Madrid, Biblioteca de Autores Españoles... tomo XCV, 1957.
- Le Livre de Marco Polo*. Paris, Ed. Albin Michel, 1955.
- MARGARIDO, ALFREDO — *La Vision de l'Autre (Africain et Indien d'Amérique) dans la Renaissance Portugaise*. Separata do volume *L'Humanisme Portugais et l'Europe*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1984.
- MARQUES, A. H. DE OLIVEIRA — *História de Portugal*. Lisboa, Palas Editores, 1974, 4.ª edição, vol. I.
- MORISON, SAMUEL ELLIOT — *Cristophe Colomb et le Portugal*. Separata do Boletim de Julho-Setembro de 1956 da Sociedade de Geografia de Lisboa.
- MOTA, A. TEIXEIRA DA — *O Essencial Sobre Cristóvão Colombo e os Portugueses*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
- PADRÓN, FRANCISCO MORALES — *Primeras Cartas sobre America (1493-1503)*. Sevilla, Publicaciones de la Universidad, 1990.
- PIDAL, D. RAMÓN MENÉNDEZ — *La Lengua de Cristóbal Colón* — Buenos Aires — México, Espasa — Calpe Argentina, 1947.
- PINA, RUI DE — *Croniqua Delrey Dom Joham II*. Coimbra, Atlântida Editora, 1950.
- RESENDE, GARCIA DE — *Crónica de D. João II e Miscelânea*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1978.
- ROBLES, P. A. MARTÍN — *Tragedias de Lucio Anneo Seneca*. Madrid, Librería y Casa Editorial Hernando, S. A., 1945, tomo primero.
- SANZ, CARLOS — *La Carta de Colón*. Madrid, Graficas Yagues, 1961.
- TODOROV, TZVETAN — *La Conquête de l'Amérique. La Question de l'Autre*. Paris, Éditions du Seuil, 1989.
- VARELA, CONSUELO — *Colón y los Florentinos*. Madrid, Alianza Editorial, 1988.

## ÍNDICE

	Pág.
Introdução ... ..	5
1. Advertência ... ..	5
2. Uma biografia ... ..	7
3. Carta a Luís de Santángel ... ..	49
Texto impresso em 1493 ... ..	51
Reprodução do texto impresso ... ..	55
Tradução e notas ... ..	63
Bibliografia utilizada ... ..	75
Índice ... ..	77



## CORRIGENDA E ADENDA

<i>Página</i>	<i>Onde se lê</i>	<i>Leia-se</i>
29	Cintra	Sintra
50	No período <i>A matriz encontra-se...</i>	Há no Arquivo Geral de Simancas, Estado leg. 1-2. <sup>a</sup> , um manuscrito que é cópia coetânea da edição de Barcelona, cujo único exemplar está na New York Public Library.
68, n. 168	l'Antre	l'Autre





**S**E A D R por que se que auria plazer deli grande victoria que meoño señoz me  
 ba oano en un riu de vos d'auo e la por la q' sabetez como cruenente dias pafe  
 las foias cō la annada q' los d'os d'os d'os Rey e Reyna d'os señozes me d'eron  
 odoz yo falle may muchas d'os pobladas cō gente sin numero: y de los todas  
 se tomado posesion por las altezas con pregon y uobramental estenida y non me  
 e cōn mudo. Ala primera q' yo falle pafe nombre sant saluador: a comenonacion esta alta magest  
 est el qual matandolofante de todo esto andado los idios la llaman guababari. Ala segunda  
 pafe nombre la isla de santa maria de concepcion ala tercera farrandura ala quarta la isla bella  
 esta quinta la Isla Juana e así a cada vna nombre mudo. Quando yo llegue ala Juana seg  
 nio la costa della a' p' miento y la falletan grande q' pensé que sería tierra firme la provincia de  
 carayo y como no falle así villas y lugares eala costa dela mar saluo pe queñas poblaciones  
 con lagente de las Gules no podia hauey fabla por que luego faze en todos: andada yo a de  
 lante por el dicho camino p'fado de so erar grades Ciudades o villas y al cabo de muchas  
 leguas visto q' no banta monaçio que la coita me lea ma aserçion de adō de mi voluntad  
 era cōtra mi por q' d' y

el vieto medio a delar  
 to de adō de bre dos  
 es tres jornadas p' b  
 limeto por lo qual se  
 nuamete esta tierra er  
 zia sin oel qual cabo  
 pafe nombre la spani  
 el xoni grades legua  
 so forasimas en d' en  
 mar si cōparaciō de o  
 villa las tierras della  
 de la isla de cōre fr  
 de mil maneras i alta  
 puede cōpber q' los  
 noos dellos cō fruto  
 paricos de mil maner  
 ocho maneras q' es  
 otros arboles y fruto  
 el de muchas man  
 tales cay gēte istigabile numero  
 las campinas y las tierras tan fennofas y grades para plantar y fēbrar p'ganar ganados de to  
 das suetas para b'edificios de villas e lugares los p'ertos dela mar aqui no b'auia b'etica sus  
 villa y de los rios muchos y grandes y buenas aguas los mas d'os quales trae oro e los arbo  
 les y frutos e yemas ay grandes diferecias de aquel las de la mara en esta ay muchas si rios  
 rias y grandes minas de oro y de otros metales. Y agente de esta isla y de todas las otras q' be  
 fallado y banido: ni aya banido noticia andan todos e f'ntos d'os hōbres y mugeres así como  
 sus madres los parē baun que algunas mugeres se cobian vn solo lugar cō vna foia de y  
 nio vna cosa de algō dō que pa ello faze ni ellos no tienen fiero ni azezo ni. amas nio  
 acillo no por que no los gente bien dis'puesta y de fermosa estatura saluo que sō may te  
 amaraylla no tiene otras armas saluo las c' as todas cañas quando es . cōla sumante  
 qual ponen al cabo vn p' d'illo agudo mo vnan v'ar de aq'illas que mi . vgo  
 eno embia: anota dos oyes hombres alguna villa p' b'auer fabl . milz

Não se têm mostrado os historiadores portugueses muito interessados em estudos de Colombo. Não conheço tradução portuguesa e estudo que lhe respeite da Carta do achamento das Antilhas, endereçada a Luís de Santágel, pela primeira vez impressa em começos de Abril de 1493. Estudioso de Etnografia mereceu-me particular atenção a Carta de Caminha, de que organizei a primeira edição popular com leitura paleográfica de Eduardo Nunes, saída dos prelos da Imprensa Nacional-Casa da Moeda em 1974, hoje esgotada. De Caminha descí a Colombo para confronto de sua visão dos aborígenes das Antilhas com a de Caminha dos ameríndios do Brasil. A coincidência é flagrante e nas objectivas, formosas e ricas descrições etnográficas de ambos tem a Antropologia Cultural precioso apoio para suas teorias interpretativas e correcção de falsos, injustos, se não comprometidos juízos de valor a respeito de populações ditas primitivas. Dada a importância universal do descobrimento, cujo meio milénio se aproxima e o muito que com ele têm que ver os Portugueses, com quem Colombo aprendeu a navegar no mar oceano, e, sobre isso, em período de comemoração dos nossos Descobrimientos, creio ser útil e oportuno a publicação da famosa Carta do grande navegador.

fasto vñ cōalado p'at  
 es Ciudades d'os  
 mas no costa du eg  
 uados como cōpti  
 guas f'nto de fa  
 as ala qual luego  
 la urana al oriente:  
 ual y todas las otras  
 p'entos alato costa de  
 y grandes q' es mara  
 indimas si cōparaciō  
 y llenas de arboles  
 p'ro e la foia segun lo  
 nia i dellos stanā flor  
 el ni señoz: i otros pa  
 palmas de seis o de  
 las mas asicomo los o  
 gradesimas cay mi  
 muchas minas de me  
 tales cay gēte istigabile numero  
 las campinas y las tierras tan fennofas y grades para plantar y fēbrar p'ganar ganados de to  
 das suetas para b'edificios de villas e lugares los p'ertos dela mar aqui no b'auia b'etica sus  
 villa y de los rios muchos y grandes y buenas aguas los mas d'os quales trae oro e los arbo  
 les y frutos e yemas ay grandes diferecias de aquel las de la mara en esta ay muchas si rios  
 rias y grandes minas de oro y de otros metales. Y agente de esta isla y de todas las otras q' be  
 fallado y banido: ni aya banido noticia andan todos e f'ntos d'os hōbres y mugeres así como  
 sus madres los parē baun que algunas mugeres se cobian vn solo lugar cō vna foia de y  
 nio vna cosa de algō dō que pa ello faze ni ellos no tienen fiero ni azezo ni. amas nio  
 acillo no por que no los gente bien dis'puesta y de fermosa estatura saluo que sō may te  
 amaraylla no tiene otras armas saluo las c' as todas cañas quando es . cōla sumante  
 qual ponen al cabo vn p' d'illo agudo mo vnan v'ar de aq'illas que mi . vgo  
 eno embia: anota dos oyes hombres alguna villa p' b'auer fabl . milz

B.  
 FI